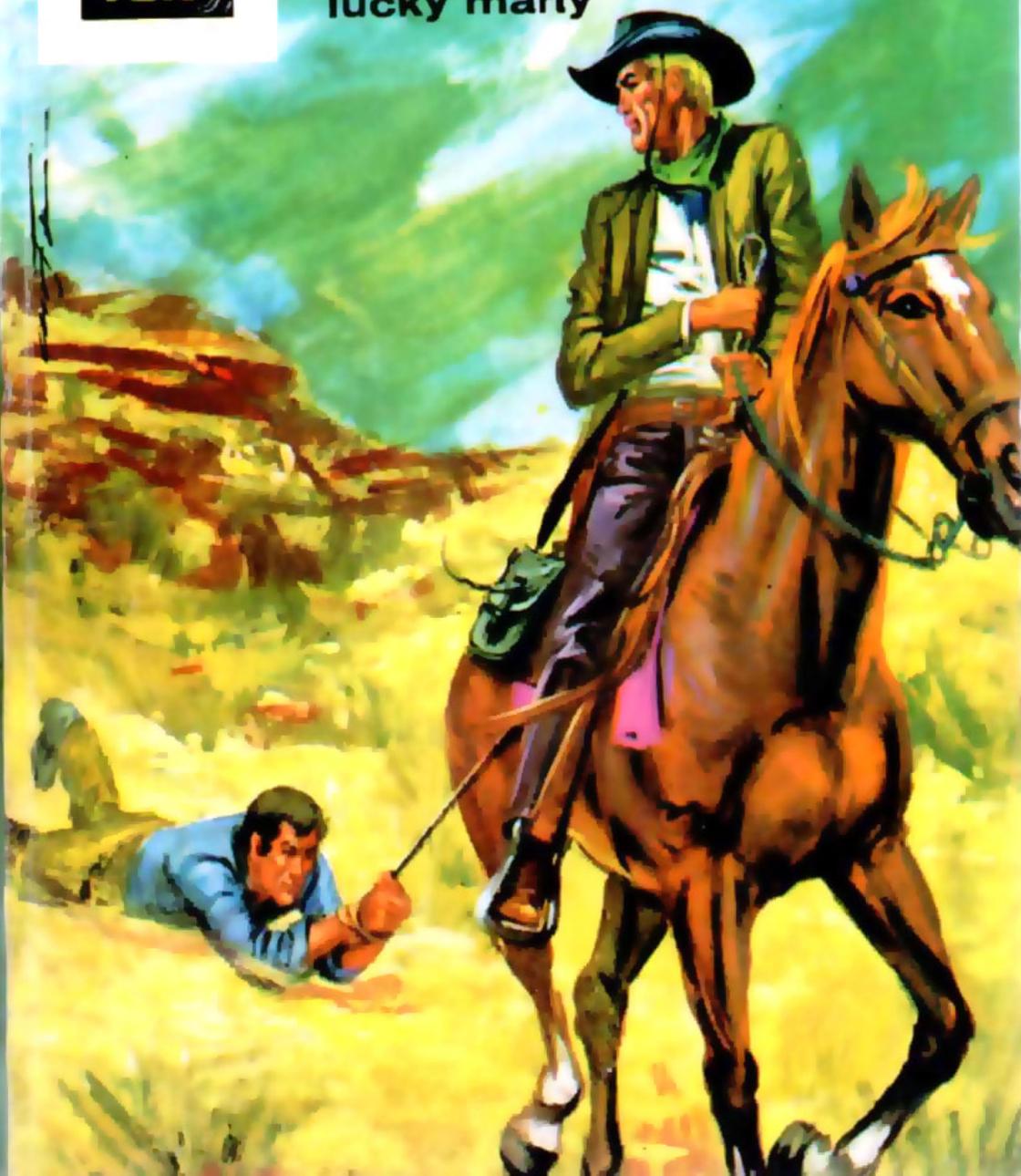




A VISITA DO DIABO

lucky marty



VISITA DO DIABO
LUCKY MARTY

Localizada no maciço montanhoso do Grande Canyon Junction, Birlins já viveu dias de paz... Até a chegada de Charles King e seu bando, instalando o medo no pequeno povoado. Eram bandidos perigosos, mas que só agiam de acordo com as ordens do líder. Acabavam por sustentar o comércio da cidade com o dinheiro de furtos que praticavam nos vilarejos ao redor... até que um dia, um forasteiro chega na cidade... e com senso de justiça e boa vontade, busca devolver Birlins a seus antigos moradores... Muitos tiros e confrontos acontecem... mas será que Alan Acey e seu fiel escudeiro Moatai conseguirão acabar com o bando de Charles King? Uma estória surpreendente e acelerada é o que você vai encontrar nesta leitura!

Disponibilização: Luka
Digitalização: Marina
Revisão: Caoline Romani
Formatação: Edina

CAPÍTULO 1

Naquele povoado, perdido no maciço montanhoso do Grande Canyon Junction, perto da fronteira com o Canadá, uma pequena população vivia esmagada pelo medo.

Um amontoado de casas velhas, a maioria construída de madeira, abrigava uma reduzida população, constituída, quase toda, de pessoas de meia idade. Os moços costumavam desertar de Birlins em busca de novos e mais esperançosos horizontes, como Glasgow City, Yellowstone, Fort Keagh ou Helena, capital do Estado de Montana.

Alguns desses jovens, mais audazes, ou mais desesperados, desciam pelo High River até à região dos grandes lagos já em território canadense.

Usavam tal recurso perigoso, porque ninguém podia se ausentar de Birlins, sem a licença prévia do "soberano" da reduzida comunidade.

Apesar de ser um amontoado de casas rústicas, e ter apenas uns quinhentos habitantes, a povoação de Birlins era um pequeno reino.

Seu chefe absoluto dizia chamar-se Charles Mac Galan, mas era conhecido em toda a região circunvizinha, por Charlie King.

Charlie, o Rei... O nome de um homem, tragicamente famoso no Oeste, que terminara por refugiar-se no extremo Norte do país. Nas saliências rochosas do Grande Canyon Junction, tinha certeza de que, nem xerifes, nem policiais, nem mesmo os membros da eficiente Polícia Montada do Canadá, se atreveriam a persegui-lo.

Tal certeza se baseava no fato da Birlins estar situada a sessenta quilômetros de Glasgow City, oitenta de Yellowstone, cento e tantos da guarnição militar de Fort Keagh, e a cerca de trezentos, de Helena.

Além disso, encravado no coração do formidável maciço montanhoso, Birlins era de acesso áspero e difícil.

O pior de tudo é que, seus habitantes, derrotados pelo medo, tinham perdido quaisquer noções de coragem e dignidade própria.

A prova desse lamentável estado de coisas, é que ninguém se atrevia a protestar contra a cena degradante que se passava, certa tarde em frente ao Glory Saloon.

Os homens do lugar permaneciam impassíveis, como que embotados pelo costume de assistir a tais violências. E pareciam todos concordes com as sonoras gargalhadas saídas dos grossos lábios de Charles King.

O "Rei" empunhava um chicote e o descarregava brutalmente sobre os ombros de um dos poucos rapazes residentes no povoado. Chamava-se Enzo Wayne, e todos aqueles homens o tinham visto crescer.

Mas nenhum se atreveu a mover um só dedo para defendê-lo, quando os homens do bando de Charlie o penduraram a uma das vigas do portal da taberna, com os pés e as mãos amarrados.

Todos sabiam que o rapaz cometera o "crime" de dirigir um galanteio à bela Lili Carwey, dona do saloon mais elegante do lugar.

Dona também, de expressivos olhos verdes, Lili era a única que demonstrava alguma emoção com o bárbaro espetáculo. Virava a cabeça, para não ver o chicote arrancar pedaços de pele da vítima, e balbuciava:

– Chega, Charlie! Vai acabar matando o coitado!

Infelizmente para Enzo Wayne, a intervenção da bela Lili só fazia aumentar a excitação do seu algoz. Os olhos brilhantes como carvões em brasa, o bandido replicava, um tanto ofegante:

– Ainda é pouco, beleza! Esse patife precisava aprender... Quero fazer um cinto com a sua maldita pele!

O pobre rapaz comprimia os lábios para não deixar escapar um único grito ou gemido de dor. O orgulho masculino não lhe permitia dar tal satisfação ao seu carrasco, mesmo porque, sabia, como todos os habitantes de Birlins, que, quanto mais demonstrasse sofrimento, mais Charlie se divertiria, aumentando a intensidade dos golpes.

Mas toda a resistência humana tem limites. A de Enzo Wayne explodiu, num grito de cólera impotente:

– Bruto! Animal! Mate-me logo, ou juro que vou matá-lo assim que me soltar... Covarde!

As gargalhadas de Charlie King retumbaram na praça principal de Birlins. Consciente da atenção de todos os seus súditos, não queria perder o seu prestígio, mostrando-se ofendido com os insultos que recebia. Preferia rir e divertir-se.

– Está certo, seu nojento! Vou fazer o que deseja!

Passando o chicote para as mãos do seu homem de confiança, Charlie recomendou:

– Continue por mim, Andy! Até acabar a resistência do frangote...

Andy mostrou-se muito honrado com a deferência do seu chefe. Segurou o chicote com mão firme, e pôs-se a castigar com lambadas ritmadas, as espáduas já em carne viva do rapas.

Uma ordem de Charlie King tinha que ser obedecida à risca. Usaria o chicote até que aquele atrevido parasse de respirar.

Fazendo tilintar suas esporas de prata, o "rei" aproximou-se de Lili Carwey. Sua mão pesada desceu sobre a encantadora cabeça coroada de cabelos ruivos, obrigando-a a girar o pescoço.

– Olhe para ele, Lili! Quero que olhe para o seu apaixonado. Vamos! Olhe!

– Por favor, Charlie! Está me machucando!

– Então obedeça e olhe para ele! Diga se está bonito!

– O coitado não fez nada de mais, Charlie! Só quis ser gentil comigo. Só isso!

– O único que pode ser gentil com você, sou eu... Entenda de uma vez por todas, Lili!

A enorme mão peluda deslizou da cabeça para a cintura da mulher. Antes de empurrá-la, com ares de proprietário, para dentro do saloon, Charlie King voltou-se para o carrasco substituto e recomendou:

– Bata firme, Andy! Se cansar, peça ajuda a um dos nossos amigos.

Naquele dia, apenas estavam em Birlins mais dois homens do bando, mas Charlie King e Andy sentiam-se tão seguros como quando toda a quadrilha se juntava no povoado, a fim de divertir-se, depois de um ataque bem sucedido em outra localidade das redondezas. Também, quem se atreveria a enfrentar o poderoso Charlie King?... Claro que ninguém! Nem ali em Birlins, nem em Shelby, Great Falls, Havre, ou qualquer cidade da comarca do Grande Canyon Junction. E, desgraçado de quem se atrevesse!

Enzo Wayne estava sofrendo o castigo de sua insensatez. Era uma advertência necessária para que os seus vassallos não se esquecessem, nem por um minuto, de que Charlie King era ali, o dono e senhor absoluto.

Andy continuou a manejar o chicote até que Enzo desmaiou. Um outro membro do bando, Russ Preston, bateu palmas e gritou:

– Como é, minha gente? Quem é que vai buscar um pouco d'água?

Alguns dos presentes movimentaram-se, açodados, e o bandido acrescentou, rindo:

– Basta um, idiotas! Não precisam se atropelar! - e, aproximando-se mais de Andy, aconselhou: - Continue a bater, rapaz! Arrebente-o de uma vez!

– Prefiro esperar pela água. Enquanto espero, estou descansando um pouco.

– Quer que lhe dê uma ajuda?

– Não é preciso. Nunca fui com a cara desse lambisgoia. Faço questão de acabar com a raça dele.

Um homem baixote e barrigudo chegou com dois baldes cheios d'água, e colocou-os no chão, em frente aos dois bandidos.

Russ Preston encarou-o, e pediu, em tom algo amistoso:

– Jogue a água, homem! Ou está com medo de chegar perto de um homem amarrado?

– Não é isso, Senhor Preston. É que... sou tão baixinho!

Não só Russ Preston e Andy, como todos os presentes, riram às gargalhadas. Um dos últimos adiantou-se alguns passos e ofereceu:

– Deixe que faço isso para você, Karl.

Dois baldes de água fria atirados no seu rosto fizeram com que Enzo Wayne recuperasse os sentidos. Fitou, com olhos enevoados, o homem que lhe jogara a água, e moveu os lábios, como se quisesse dizer algo. Mas, no mesmo instante, contraiu-os dolorosamente, ao sentir, outra vez, o chicote penetrar-lhe na carne, como uma língua de fogo. Aos seus ouvidos chegou, de maneira confusa, a voz de um desconhecido que gritava:

– Parem com isso! Estão querendo matar o rapaz?

CAPÍTULO 2

Todos os olhares convergiram para o "audacioso".

Era um rapaz alto e louro, de vinte e seis anos, que cavalgava uma mula carregada de fardos.

O recém-chegado usava o traje típico dos caçadores de lontras, procedentes do Canadá. Sua única arma era um rifle de longo alcance, atravessado em meio aos fardos que sobrecarregavam sua montaria. Entre eles se destacavam dois, de uma alvura deslumbrante. Peles de raposas brancas.

Atrás do caçador vinha, montado em outra mula, também carregada, um índio de pele bronzeada e longas tranças negras, puxando pela arreata uma terceira mula. Esta ainda estava mais sobrecarregada que as primeiras, com enormes fardos de peles de castores, lontras, ursos, e outros animais da fauna canadense.

Muitos caçadores, vindos do outro lado da fronteira, costumavam passar por Birlins, e, portanto, ninguém estranhou a presença ali daqueles dois. O que causou verdadeira surpresa foi a audácia com que o branco interpelou um membro da quadrilha de Charlie King.

Tal fato, sem precedentes, só podia explicar-se de duas maneiras. Ou o caçador louro nunca ouvira falar do "rei", ou era completamente louco.

Andy obsequiou o atrevido com um sorriso cínico. Mas não pronunciou uma só palavra, o mesmo acontecendo a seus companheiros, Russ Preston e John Baker.

Espantado com o silêncio reinante, o caçador fitou, um a um, os homens ali reunidos.

– O que há por aqui? Por que não soltam o rapaz?

Um silêncio pesado, opressivo, foi a única resposta que obteve. Então, com a maior calma do mundo, pulou de cima da mula, pegou o rifle, e aproximou-se de Andy, que continuava a empunhar o chicote.

Quando compreendeu que a intenção do forasteiro era libertar Enzo Wayne, o bandido perguntou tomado de furor:

– O que pretende fazer, rapazinho?

– Meu nome é Alan Acey, senhor.

– Um bonito nome, rapazinho! Pena que vá usá-lo por tão pouco tempo!

O caçador louro não perdeu a calma, e foi com voz cortante que advertiu a Andy.

– Não admito intimidades de quem não conheço.

Os circunstantes estavam fartos de saber que Andy queria apenas se divertir um pouco, como o gato faz com o rato. Quando se cansasse da brincadeira, um

simples gesto seu seria o suficiente para enviar o simpático caçador louro para um mundo dito melhor.

Menos pacientes, talvez Russ Preston e John Baker se adiantassem no sacar das armas, crivando o intrometido de chumbo.

Era o que iria ocorrer, de um momento para outro, e os habitantes de Birlins iniciaram uma retirada prudente, temerosos de que alguma bala perdida errasse o alvo e fosse atingir suas preciosas pessoas.

O arrastar dos pés em movimento anunciou a Andy a retirada geral. Sem afastar os olhos do atrevido forasteiro, gritou:

– Quietos, vocês todos! A festa ainda não acabou! Temos outro frango para depenar.

– Por acaso, estará se referindo a mim, senhor?

– Claro, rapazinho! Claro que estou falando de você!

Alan Acey pestanejou várias vezes, como alguém que procura se controlar, e observou:

– Já o avisei que só permito intimidades aos meus amigos. Será que não me entendeu?

– Entendi muito bem, rapazinho! Mas falo como quero!

– Pois então não se queixe, senhor!

Ato contínuo, com uma agilidade surpreendente para a sua altura e robustez, o caçador louro mandou um direto na boca aberta de Andy. Depois, levantou-o do solo, onde a violência do golpe o atirara, e projetou-

o alguns metros para trás, sobre os aturdidos apreciadores da cena.

Quase a seguir, dois estampidos secos ressoaram na praça, e Russ Preston e John Baker tombaram por terra, mortos. Talvez acalentassem a ilusão de que iam liquidar o agressor de Andy, pois caíram, com os revólveres engatilhados.

Mais uma vez, todos os olhares convergiram para o fundo da praça, onde o índio silencioso, de pele bronzeada e tranças negras, segurava um rifle de cano fumegante. Nenhum músculo do seu corpo se movia. Permanecia imóvel como uma estátua de bronze, sobre a sela da mula, também imóvel. Cavaleiro e montaria pareciam fundidos um no outro. Mas todos sentiram a vigilância dos olhos negros e rasgados no rosto pétreo. Ao menor sinal de alarme, o rifle faria novas vítimas.

Após conceder um olhar displicente aos cadáveres, o jovem caçador não mais se preocupou com a sorte do derrotado Andy. Naturalmente, contava que ainda levasse alguns minutos para recuperar a consciência.

Assim aconteceu. Os homens contra os quais se chocara em sua queda, tinham-no estendido no solo. Andy ficara deitado, beatificamente, enquanto o sangue lhe corria, abundante, da boca e do nariz.

O caçador louro voltou-se para o índio impassível.

– Obrigado, Maotai! Fez o que devia.

– Hum! - foi a resposta do índio, preparando-se para guardar o rifle.

Subitamente, deteve-se, e tornou a apontar a arma para o centro da praça.

Um homem saíra do Glory Saloon, e todas as cabeças se voltaram para aquele lado, num movimento uniforme. Dava a impressão de que os habitantes de Birlins fossem simples bonecos articulados, puxados pelo mesmo cordel.

Também, pudera! Aquele homem era Charlie, o Rei.

Suas mãos enormes abriam-se e fechavam-se nervosamente, sem se decidirem a empunhar os revólveres. Seus olhos esbugalhados estavam fixos no cano do rifle apontado em sua direção. Custava-lhe a crer que um selvagem, um miserável pele-vermelha, se atrevesse a tamanha ousadia!

Mas, ali estava ele, imóvel sobre a mula, como que à espera do menor movimento suspeito, para atirar de novo.

Com as compridas pernas abertas em arco, Charlie King permanecia sob o portal do saloon, sem saber que atitude tomar. Do primeiro golpe de vista divisara os dois homens mortos e o desmaiado Andy. E vira, também, o caçador alto e louro, que, calmamente, usando um longo punhal, cortava as cordas que sustentavam o corpo ensanguentado de Enzo Wayne.

— Não toque nesse homem! - conseguiu articular o surpreso bandido. - Ele está aí por minha ordem.

Só depois que terminou sua tarefa, foi que Alan Acey deu atenção a Charlie.

– Teve a coragem de ordenar essa selvageria?!... E quem é o senhor?

– Sou Charlie King! - apresentou-se o rei, com voz tonitruante.

Enganou-se, porém, ao pensar que tal título intimidaria os seus adversários. O índio continuou imóvel, com o rifle apontado, e o caçador branco limitou-se a rir, exclamando:

– Ora, quem diria! Então, você é o famoso bandido que anda devastando essa região...

– Veja como fala, atrevido! Está cansado de viver?

– O mesmo lhe pergunto, senhor - retrucou o rapaz, com a maior calma. - Se não se portar direitinho, só tenho que fazer um sinal, e Maotai o mandará para a companhia dos seus dois amigos. Creio que eram de sua quadrilha, não?

– Eram. E foram assassinados.

– Assassinados?! Como assim, se ainda estão com as armas nas mãos?

– Com todos os demônios, o que está querendo? O que veio fazer aqui?

– No momento, só quero que tire o cinturão, bem devagarzinho, e jogue-o no chão. Ouviu?... Bem devagarzinho... Sem tentar nenhuma tolice... Do contrário, meu amigo Maotai vai se aborrecer.

Charlie King tinha motivos de sobra para confiar em sua rapidez no manejo das armas. Quando rapazola, tinha o hábito de anotar os nomes dos homens que matava. Com o correr do tempo, porém, tal "exercício" tornou-se monótono, de tão repetido, e acabara por perder a conta dos que despachara para o outro mundo. Refletindo bem, julgara que, uma dúzia a mais, uma dúzia a menos, não fazia lá essas diferenças.

Sempre escapara ileso dos muitos perigos de sua agitada vida de bandoleiro. E agora ia acontecer o mesmo. O fato de Russ Preston e John Baker terem sido baleados, de armas nas mãos, por um selvagem, não queria dizer que o mesmo lhe sucederia. Afinal, ele era o grande Charlie King, e havia muita diferença entre sua pessoa e aqueles idiotas.

Cheio de confiança, fingiu que aceitava a sugestão do forasteiro, deixando cair um revólver da mão esquerda, enquanto a direita aparecia armada, num gesto fulminante.

Um terceiro estrondo, exatamente igual aos dos primeiros, ressoou na praça, e o Colt 45 do rei saiu voando de sua mão, como se fosse um pombo negro.

Ao som do disparo, correspondeu um grito de dor do bandido, que olhava, aterrorizado, para o polegar decepado de sua mão direita.

Quando o silêncio voltou a reinar, ouviu-se a voz clara e firme de Alan Acey: — Eu bem que avisei, Senhor King. Por que não quis acreditar?

CAPITULO 3

O rapaz falava com uma tranquilidade pasmosa. Como se não tivesse a menor pressa, e até estivesse se divertindo. Havia mesmo um tom de repreensão amistosa na sua voz, quando acrescentou:

– Viu o que lhe aconteceu? Ficou com a mão aleijada.

– Vão para o inferno, você e seu índio nojento!... Juro que não terão o gostinho de contar essa história, muitas vezes!

– Deixe de ameaças tolas, e trate de procurar o médico. Está sangrando como um leitão.

Com a mão esquerda, Charlie arrancou o lenço do pescoço e cobriu a mão ferida, fazendo caretas de dor. Mas esqueceu o sofrimento ao ouvir o desconhecido sugerir-lhe com toda a naturalidade:

– Aproveite a caminhada e leve esse pobre rapaz. Ele também precisa de tratamento.

– O quê?! Acha que vou levar esse...?

– Isso mesmo! E não gosto de dizer a mesma coisa, duas vezes.

– Vá para o diabo! Não vou carregar ninguém!

– Maotai!

– Hum! - respondeu o índio.

Charlie viu a boca do rifle erguer-se, ameaçadora, e engolindo a raiva, achou melhor conformar-se .

– Está certo! Está certo! Vou levar.

Pouco a pouco, a praça se esvaziara. Enzo Wayne viu o seu salvador aproximar-se, acompanhado pelo chefe dos bandidos. Tentou levantar-se, no intuito de estrangulá-lo com as próprias mãos, mas teve apenas forças para balbuciar, num murmúrio rouco:

– Hei de matá-lo, Charlie! Você vai ver! - e desmaiou outra vez.

Ainda estonteado, Andy começara a voltar a si. Apalpou o queixo e o nariz quebrado, dos quais continuava a escorrer sangue. Quando conseguiu sentar-se, deparou logo com os cadáveres de Russ Preston e John Baker. Mais adiante, avistou o desconhecido que o derrubara. Seu primeiro impulso foi sacar a arma e vingar-se da afronta recebida.

Mas Andy possuía uma grande experiência da vida, que o advertiu de que algo de anormal estava se passando. A prova disso, era o fato inexplicável de Charlie King seguir docilmente aquele sujeito, que, além de tudo, aparentava estar desarmado.

Surpreso, olhou em torno de si. Então, avistou o índio montado na mula, com o rifle levantado. E ouviu um som gutural:

– Hum! Hum!

O moço louro replicou imediatamente:

– Já vi, Maotai, mas não creio que se atreva a praticar uma tolice.

Virando-se para Andy, perguntou com voz afável:

– Não tenho razão? Já que está melhor, trate de se levantar e ajudar seu amigo a carregar o rapaz.

E como Andy continuasse sentado, procurou animá-lo:

– Vamos! Levante-se! Afinal, só lhe dei um murro!

Sem saber de que maneira, com a cabeça quente, Andy viu-se ao lado do seu chefe, ajudando-o a levantar o corpo inerte de Enzo Wayne.

Os dois bandidos entreolhavam-se, envergonhados e furiosos, sem conseguirem compreender o fato de, justamente eles, estarem sofrendo tal humilhação.

– Onde fica a casa do médico?

– Ali, naquela esquina - resmungou Andy, sentindo os dentes balançarem nas gengivas.

– Vamos andando! Cuidado com o rapaz! Está com o corpo em carne viva.

Charlie King segurava as pernas de sua vítima, mas não se resolvia a caminhar. Parecia-lhe insuportável a ideia de que seus submissos vassalos o vissem curvando-se às ordens do caçador louro e seu empregado índio. Empregou um último recurso:

– Esqueça isso, rapaz, e dou-lhe minha palavra que também esquecerei o resto.

– Já disse que meu nome é Alan Acey. É preferível não perder mais tempo. Seu dedo precisa de um curativo urgente.

Não houve remédio senão obedecer. Enquanto atravessava a praça, carregando o corpo inanimado de Enzo Wayne, Charlie King desabafava a sua fúria, invectivando os raros homens que avistava:

– Covardes! Miseráveis! Estão gostando, hein?... Pois vão me pagar direitinho!

A mula montada pelo índio, dignara-se a mexer as patas, e trotava atrás do pequeno grupo. Charlie King e Andy sentiam em suas nucas, a ameaça permanente daquele rifle diabólico, que parecia obedecer cegamente às mãos que o manejavam .

Diante de uma casa baixa, um homem gordo, de cabelos grisalhos, estava à espera do grupo. Embora tivesse presenciado os acontecimentos, o Doutor Eli Widmark tentou fingir ignorância.

– O que aconteceu? - perguntou.

– Não se faça de idiota! - trovejou Charlie. -Está farto de saber o que aconteceu. Assistiu, da primeira fila, ao castigo merecido deste frangote.

– O frangote e o galo de briga precisam dos seus serviços, doutor - gracejou Alan Acey.

Andy postou-se na frente do médico, apontando-lhe os dentes bambos:

– Veja como estão! Preciso que...

– Vai ter a paciência de esperar, senhor - disse o caçador, com voz pachorrenta. - Seu caso é menos grave.

– Quero um remédio para bochechar. Está doendo.

– Já disse que tem de esperar!

Após fazer o curativo no coto do polegar de Charlie King, o médico fitou, hesitante, o corpo sangrento, estendido sobre a mesa de operações. Depois, olhou para o bandido.

A princípio, Alan Acey julgou que o médico quisesse repreender, com o olhar, o autor de tal brutalidade, mas logo teve que retificar tal suposição.

– O que está esperando para começar a tratar do rapaz, doutor?

– Bem, eu... Não sei se... - balbuciou o médico. De repente, decidiu-se a falar franco:

– O que diz, Charlie? Posso cuidar do rapaz? Você é quem manda!

Indignado, o caçador louro deu tamanho safanão em Charlie King, que o atirou no fundo do aposento, onde o desconsolado Andy bochechava, com água pura, a boca dolorida.

– Velho covarde! Não tem vergonha de ser tão medroso?

As maneiras calmas de Alan Acey tinham desaparecido. Geralmente sereno e bem-humorado, tornava-se um verdadeiro possesso quando se zangava.

Sua mão direita ergueu-se, e o revólver que empunhava, arrancou um pedaço de pele da face esquerda de Charlie King.

O bandido soltou um grito de dor, e ordenou, por entre os dentes quase cerrados:

– Cuide depressa deste idiota, doutor! Ou está querendo que esta fera acabe comigo?

– Depressa, doutor! - reforçou Andy. - Não vê que o homem está mesmo zangado?

O médico pôs-se a tratar das costas dilaceradas de Enzo Wayne, enquanto Alan Acey, louco de raiva, enfrentava o "rei" e seu principal acólito:

– Então, você é o famoso, o feroz Charlie King? Vejam só! Agora, você não passa de um rei destronado.

– Você vai me pagar! Palavra de Charlie King!

– Olhe aqui, rei de araque! Se sabe rezar, é bom começar a dizer suas orações. Não sei como ainda não o mandei para o inferno com o seu amigo . Estou com vontade de apertar o gatilho... e depois... era uma vez um rei!

Andy acostumara-se, durante anos, a obedecer cegamente ao seu chefe, mas, desta vez, lembrando-se dos cadáveres de Russ Preston e John Baker, advertiu-o, em tom ácido:

– Deixe de ameaças inúteis, Charlie! Este sujeito tem peito para nos liquidar agora mesmo.

– Tem toda a razão, Andy! É só me dar na veneta!

Olhando de relance para a mesa de operações, Alan Acey indagou:

– Então, doutor? Como está o rapaz?

– Muito mal. Perdeu sangue demais.

– Pois faça tudo para salvá-lo. Volto já! Vou entregar estes dois malandros ao xerife.

O olhar trocado entre os dois meliantes, alertou-o sobre algo errado.

– O que há? Por acaso não existe xerife nesta cidade?

– Não. Duram muito pouco. Ninguém quer o cargo.

A informação partiu do Doutor Eli, curvado sobre o seu paciente.

A voz de Charlie King ressoou, ameaçadora:

– Feche o bico, doutor! Ou será que já está bêbado, a esta hora?

Os revólveres de Alan Acey revolveram em suas mãos. Tanto Charlie King como Andy compreenderam a ordem silenciosa, e encaminharam-se para a porta. Antes de transpô-la, o rei voltou-se para o médico, com um sorriso sádico:

– Cuide bem do frangote, doutor! Quero ter o prazer de lhe dar outra lição. E você também vai levar a sua, "seu pau-d'água"!

– Vá saindo, linguarudo! Olhe que seu amigo já lhe avisou!

Uma ordem apoiada por duas armas, não podia deixar de ser acatada.

CAPITULO 4

Para o orgulho ferido de Charlie King, foi um verdadeiro suplício, atravessar, de tal maneira, as ruas de Birlins.

Escondidos atrás de portas e janelas, os apavorados habitantes do lugar espreitavam sua passagem, e ouviam os insultos que lhe jorravam da boca.

– Canalhas! É assim que me pagam tudo quanto tenho feito por vocês?... Covardes! Por que não atiram nesses dois?

De vez em quando, Alan Acey catucava-lhe as costas com o cano de um dos revólveres, incitando-o a caminhar mais depressa.

Andy não precisava de incentivos. Remoendo seu ódio, em silêncio, seguia de cabeça baixa, sem protestar. Afinal, não era ele, o rei da cidade. A ofensa que recebia, feria menos o seu orgulho.

Charlie King continuava a vociferar:

– Idiotas! O que estão esperando? Liquidem de uma vez esse índio imundo, ou vão me pagar por tudo isto! Não perdem por esperar!

Maotai, sempre impassível e calado, cavalgava sua obediente montaria, à retaguarda dos homens a pé.

Enfastiado de tudo aquilo, Alan Acey encostou as armas nas costelas de seus prisioneiros, indagando:

– Afinal, onde fica o escritório do xerife?

Charlie King encarou-o com raiva, e explicou:

– Não ouviu dizer que não há nenhum xerife nesta cidade de medrosos? A lei aqui, sou eu.

– Muito bem representada!... Vá em frente! Até o escritório.

A intenção do rapaz era trancafiar os dois bandidos na primeira cela vazia que encontrasse. Nisto, Charlie King rebelou-se, e estacou, exclamando:

– Pode me matar, se quiser, mas não dou mais um passo. Não agüento esta situação!

– Muito bem, amigo! Seja como quer!

Bem devagar, o caçador levantou o revólver, até colocá-lo à altura da frente de Charlie King.

Com os olhos quase fora das órbitas, o bandido suava em bicas, porém ficou firme. Estaria, mesmo, disposto a morrer? Alan Acey sabia que não tinha outro remédio senão apertar o gatilho, sob pena de ficar desmoralizado. Mas não gostava de matar a sangue-frio.

Quem o tirou desse apuro, foi o seu amigo Maotai, com mais um dos seus eternos resmungos:

– Hum! Hum!

Sons perfeitamente inteligíveis para o caçador, pois concordou:

– Se faz questão, tome conta dele.

O índio desceu da mula, e avançou para o pequeno grupo. Era um verdadeiro gigante. Estatura elevada, espáduas largas e mãos imensas. Em seu rosto de idade indefinível e traços acentuadamente viris, refletia-se uma vontade férrea e uma coragem indômita.

Os bandidos o viram aproximar-se com um receio crescente. Aquele selvagem que matara dois de seus companheiros, parecia disposto a repetir a façanha, sem utilizar o rifle. Desembainhara um comprido punhal, e, em seus olhos negros, lia-se o prazer antecipado de escalar dois "caras-pálidas", seus inimigos de sempre.

– Maotai pretende desossá-los. É perito nisso - anunciou o caçador, sem desviar as armas apontadas.

Trêmulo, Andy balbuciou:

– O escritório do xerife é logo ali.

– Nesse caso... Vamos até lá, ou... ?

Cabisbaixos, os prisioneiros recomeçaram a caminhar.

À porta da casa indicada por Andy, estava um homem de uns quarenta anos, que cofiava o bigode grisalho, manchado de nicotina, com ar aborrecido . No peito de sua camisa quadriculada, brilhava a insígnia de comissário.

Charlie King assumiu imediatamente uma atitude jovial, como se não desse a menor importância ao incidente.

– Olá, Chuck! Como vê, vai ser obrigado a nos prender.

Alan Acey e Maotai captaram o olhar de conivência trocado entre os bandidos e o comissário. Com uma expressão indefinível, este encarou os forasteiros, e indagou;

– De que crime acusam estes homens?

O caçador replicou em tom zombeteiro:

– Será que também não assistiu à "festa"? Pensei que todo o mundo estivesse na praça.

– Engana-se. Eu não estava.

– Pois devia estar, comissário. E impedir que se matasse um homem a chicotadas.

O comissário enviesou os olhos para os prisioneiros.

– Enzo Wayne, hein?

Charlie e Andy encolheram os ombros, e a autoridade opinou:

– Não é crime castigar um atrevido, meus senhores. Esse rapaz vivia perturbando Lili Carwey.

– E quem é essa dona?

– É a... - o comissário interrompeu-se, à procura de uma palavra adequada - ... noiva de Charlie. O que faria o senhor com alguém que mexesse com sua noiva?

– Não sei, comissário. Só sei que não teria o direito de assassiná-lo com um chicote.

— Por falar em direitos, o senhor está violando uma das leis de nossa cidade. Não permitimos a estadia de índios em Birlins.

Maotai avançou um passo, e seus lábios emitiram o habitual hum!

O caçador branco deteve-o com um gesto, e observou:

— Maotai, lembre-se de que este homem é o representante da lei. É indigno, mas usa a estrela no peito. Não está vendo?

Alan acabara por convencer-se que não valia a pena perder mais tempo com aquela gente. Charlie King era quem mandava em Birlins, e todos pareciam concordar com isso. Portanto, enquanto esvaziava os tambores dos revólveres de Charlie e Andy, pronunciou, em tom intrigado:

— Está certo, comissário, embora não possa compreender por que tem tanto medo desse sujeito. Vocês todos, desta cidade, dão-me a impressão de um bando de ratos assustados com um gato - e, voltando-se para os bandidos, concluiu: - Um conselho, amigos. Fiquem longe do rifle de Maotai. Do contrário, vão se arrepender. Entenderam bem?

Charlie King sacudiu a poeira da roupa, e apertou o cinturão, recebendo, sem uma palavra os revólveres que lhe eram devolvidos por Alan Acey. Sem dignar-se olhar para trás a fim de ver se havia alguém, gritou em voz imperiosa:

– Tragam os cavalos!

Um homem correu, solícito, trazendo os animais pela arreata. Alan Acey caiu das nuvens, ao vê-lo oferecer as mãos entrecruzadas, como estribo, para que Charlie montasse com mais comodidade .

Não recebendo a mesma demonstração de subserviência, Andy pulou na sela do magnífico animal puro sangue que lhe pertencia.

Do alto do seu, o "rei" dirigiu um último olhar de ódio ao seu vencedor, e ameaçou:

– Vamos nos ver muito breve, rapazinho!

– Desapareça de minha frente! - gritou Alan, exasperado.

Os cavaleiros esporearam as montarias, para detê-las alguns metros adiante. Enquanto os nervosos animais caracolavam, Charlie gritou aos seus invisíveis vassalos:

– Ouçam bem, idiotas! Se esses dois patifes ainda estiverem vivos, quando eu voltar à cidade, juro que acabo com tudo isto aqui! Vocês já sabem que, quando prometo, executo!

Depois de tal advertência, esporeou brutalmente o cavalo, e partiu a galope, seguido por Andy. Atrás deles, além da poeira levantada pelas patas dos cavalos, ficavam também o ódio e o terror.

Assim que o soar dos cascos se fez mais distante, o índio pronunciou:

– Hum! Hum!

– Não, Maotai! Agradeço muito a sua boa intenção, mas não vou sair desta cidade. Pelo menos, por enquanto.

Já se afastavam em busca das outras mulas, deixadas na praça, quando a voz manhosa do Comissário Chuck chegou aos seus ouvidos: – Faz muito mal, amigo, mas... enfim, isto é lá com você!

CAPÍTULO 3

Alan Acey sentia a desagradável sensação de milhares de olhos a espioná-lo. Ao passar pelas ruas de Birlins, à esquerda e à direita, uma porta entreaberta fechava-se, uma janela batia, uma cortina movia-se devagar, deixando entrever, por detrás, uma silhueta humana.

De qualquer lado, a qualquer momento, um tiro poderia ser desfechado, e uma bala mortal atingi-lo. A ele ou a Maotai.

O índio devia sentir a mesma impressão, pois murmurou:

- Hum!

E Alan Acey replicou:

— Tem toda a razão, Maotai, mas espero que não tenham essa coragem. Vamos arranjar um lugar para as mulas descansarem, e...

Seus olhos penetrantes de caçador descobriram um cartaz, que anunciava em letras grandes e mal desenhadas: "Cavalos". Indicou-o ao companheiro, com um movimento de queixo:

— Ali, Maotai.

Não tiveram sorte. Um velho, de cabeleira branca, desgrenhada, com os braços descarnados cruzados

sobre o peito, estava encostado ao batente do portal da estrebaria. Afastou o cachimbo fumegante, para um dos cantos da boca, e disse:

– Sinto muito, senhor, mas Charlie King não ficaria satisfeito comigo.

– Quer dizer que... ?

– Tenho esposa e filhos, senhor. Não compreende?

– Para ser franco, não entendo muito esse medo, vovô. Não me entra na cabeça que uma cidade inteira viva sujeita aos caprichos de um único homem.

– Se ficar muito tempo aqui, vai acabar por entender. E agora, se me dão licença, tenho muito que fazer. Não será bom, para a minha família, que me vejam de prosa com o senhor.

Apressadamente, o encarregado da cavalaria entrou, deixando-os do lado de fora, com suas três mulas.

Alan Acey olhou, perplexo, para e seu hercúleo amigo, e, compreendendo o que ele estava pensando, pela sua expressão, objetou:

– Não, Maotai, não vale a pena empregar a força. É melhor procurar outro lugar.

Já iam se afastando, quando o caçador notou outro cartaz, que dizia, em berrantes letras vermelhas: "BARBEARIA".

Esfregou o queixo, pensativo, e decidiu:

– Preciso fazer a barba.

– Hum!

Nova decepção! Mal tinham posto os pés dentro da barbearia, um homenzinho baixo e barrigudo, de olhar fugidio, com umas suíças até o queixo, murmurou com voz aflautada:

- Perdão, senhor, mas não posso atendê-lo.
- Por que não?
- Porque... porque... estou sem navalha.

Dessa vez, Alan Acey achou que era demais. Meteu a mão no ventre volumoso do barbeiro, e empurrou-o para um lado, sem maiores cerimônias.

– Não faz mal. Posso usar minha própria navalha, com o seu sabão.

- Não é possível, senhor. Eu...
- Maotai!

O gigante índio não esperou segunda ordem. Desceu a manopla sobre o ombro do infeliz barbeiro, e projetou-o contra o banco reservado à espera dos fregueses.

Nunca mais Enrico Castelli esqueceria aquela mão, cujos dedos se enterraram em sua carne, como garras, levantando-o do solo, como se não passasse de um insignificante boneco de pano.

Meio sentado, meio deitado, viu que seus originais fregueses sentavam-se, cada qual numa das poltronas do salão. Devagar, foi endireitando o corpo, no intuito de levantar-se e fugir. A voz imperiosa do homem louro, já com o rosto todo ensaboado, impediu-lhe a

retirada. E, pelo espelho, um olhar gelado causou-lhe arrepios de pavor.

– Fique aí mesmo, amigo. Preciso de sua opinião sobre a minha habilidade como barbeiro.

O apavorado Enrico ainda mais apavorado ficou, ao ver o índio desembainhar um longo punhal, e passá-lo pelo próprio rosto, com mão de mestre.

Em poucos segundos, desapareceram os pontos escuros que sobressaíam, aqui e ali, em suas faces acobreadas. E Enrico Castelli pensou que aquele gigante selvagem seria bem capaz de degolar um boi, com um só golpe do seu afiado punhal. O melhor, para ele, era ficar quieto e calado.

Instantes depois, o louro atirou algumas moedas que resvalaram pelo ventre rotundo do barbeiro, e caíram, tilintando, no chão de madeira. O índio saiu atrás, como uma sombra do caçador branco, e ao passar... Bem! Quem poderia afirmar que o fizera de propósito?

– Ai! - gritou o infeliz barbeiro, levantando o pé direito.

Um dos mocassins do índio caíra em cheio sobre ele, esmagando-lhe os dedos sob o seu peso respeitável.

– Hum! - exclamou Maotai, seguindo adiante.

O homem branco não olhou para trás. Apenas repreendeu, em voz risonha:

– Não devia ter feito isso, amigo. O pobre diabo já está meio morto de medo.

Enrico Castelli suava por todos os poros, enquanto os dois amigos saíam do salão, estalando os dedos, para que as mulas os seguissem docemente, sem necessidade de puxá-las pelas rédeas. Dolorido e furioso, estendeu a mão para a prateleira onde costumava guardar uma garrafa de uísque.

Estava precisando de um bom trago, e levou a garrafa à boca, com precipitação.

Logo a seguir, pôs-se a cuspir, e a esfregar o estômago.

– Maldição! - gemeu.

Enganara-se devido ao nervosismo. Em vez da garrafa de uísque, apanhara um vidro de loção para barba.

Decididamente, as coisas não andavam nada bem, desde a chegada da dupla de forasteiros a Birlins. E só Deus sabia o que poderia, ainda, acontecer.

* * *

– Hum!

– Eu também estou com fome, Maotai.

Alan olhou para um e outro lado, à procura de um lugar onde pudessem tomar um refresco e satisfazer o apetite. Poderiam acampar nos arredores, e fazer a própria comida, como estavam acostumados, durante as longas temporadas invernosas de caça, nos pântanos gelados do Canadá. Mas considerou que tal procedimento seria absurdo, pois estavam dentro de uma cidade.

– Repare, Maotai! Parece que ali é o saloon de onde saiu aquele sujeito fanfarrão. Tem algo a objetar?

– Hum!

– Nesse caso, vamos em frente!

Encaminhavam-se para o Glory Saloon, quando sua porta abriu-se de par em par, aparecendo uma deliciosa figura de mulher.

Alta, delgada, o corpo cheio de curvas harmoniosas, a cabeleira ruiva, formando bonito contraste com os grandes olhos verdes. Tão verdes como a relva fresca dos campos.

– Hum!

– É mesmo, Maotai! É uma mulher linda! Linda de morrer!

Alan sentiu-se imediatamente interessado por aquela beleza ruiva, cujo sorriso era um convite mudo para que se aproximasse um pouco mais. É verdade que os lábios rubros e tentadores não participavam desse sorriso. Ele bailava, apenas, nos brilhantes olhos verdes, que pareciam analisar o caçador alto e louro, chegado a Birlins, naquela manhã, como um verdadeiro enviado do céu.

Do céu... ou do inferno?

Alan parou em frente à escadinha de quatro degraus que dava acesso ao estabelecimento, colocou o pé direito no primeiro degrau, e cumprimentou galantemente, com um largo sorriso.

– Olá, princesa!

– Olá! - respondeu a mulher.

– Podemos entrar?

– Que pergunta inútil! Pelo que já vi, você não é homem de se sujeitar a um "não", quando resolve fazer alguma coisa.

– Depende, princesa. Sempre acato as ordens de uma mulher bonita, como você.

O cumprimento agradeceu à Lili Carwey, que inclinou a cabeça para o lado, num gesto faceiro, e perguntou, em voz suave como uma carícia;

– É sempre assim galante?

– Conforme.

– Muito gentil de sua parte. Infelizmente não poderei aproveitar sua companhia. Vou lhe dar um conselho.

– Não gaste sua linda voz. Não pretendo sair de Birlins.

– Sabe adivinhar pensamentos?

– Não. Li nos seus olhos, princesa.

– Veja se lê mais alguma coisa, caçador. Talvez nos evite muitos problemas.

– Não acha que sou capaz de solucioná-los?

– Creio que não, se teimar em enfrentar Charlie King. Sei do que ele é capaz.

– Quer dizer que o conhece bem?

– Claro que sim!

– Pois é! Claro!... Sou um verdadeiro idiota. Você deve ser Lili... Lili...

– Carwey - completou a ruiva.

– É isso mesmo! O comissário nos disse que você era a garota daquele sujeito.

– Exato!

– Gosta de ser a pequena dele?

A mulher encolheu levemente os ombros, e, com um trejeito de resignação nos lábios, murmurou :

– Isso não tem importância. Aqui, em Birlins, ninguém tem vontade própria. Temos que nos curvar aos gostos do rei...

– Ora vejam! Isto é que eu chamo de pura democracia, não é mesmo, Maotai?

– Hum! Hum!

– O que ele quis dizer?

– Que está com muita fome. Aliás, eu também estou.

– Sempre entende o que ele diz?

– Lógico, princesa! Maotai e eu nos entendemos perfeitamente.

– Hum!

– E agora? Repetiu que está com fome?

– Não, princesa. Está me avisando que você é uma mulher perigosa.

– Que absurdo! Como pode saber? Nem sequer me conhece!

– Maotai sabe tudo. Vive em permanente comunicação com os seus deuses, que o protegem e lhe dão toda a espécie de informações.

– Posso saber como compreende o que ele diz? Até agora, só o ouvi dizer: "hum".

– É bastante prestar atenção na maneira como fala isso. Muito expressiva.

– Pode ser...

– Como é, princesa? Podemos entrar?

A enigmática mulher soltou um dos batentes da porta de vaivém, enquanto convidava, com um aceno amável:

– À vontade! Isto aqui é um estabelecimento público.

Alan Acey subiu um degrau, não fazendo caso de mais um dos costumeiros "hum" de Maotai.

Continuou subindo, até colocar-se ao lado da linda mulher, e contemplá-la de perto, com evidente prazer. Só então, procurou tranqüilizar o companheiro:

– Não há perigo, meu velho. Podemos entrar sem susto.

O caçador louro entrou no salão, ouvindo novamente a conhecida exclamação de Maotai, desta vez pronunciada pelos lábios risonhos de Lili, que levantara uma das mãos, saudando à moda dos apaches, quando o índio passou em sua frente.

– Hum!

– Hum! - replicou Maotai, solenemente.

Acompanhando os dois novos fregueses, a pequena de Charlie King comentou com entusiasmo:

– Formidável! Já estamos começando a nos entender.

CAPÍTULO 4

O local não era dos mais elegantes, mas era amplo e de construção sólida. Talvez os construtores houvessem pensado em prepará-lo para suportar as brigas violentas dos vaqueiros valentões e dos fregueses embriagados.

O balcão maciço, de madeira tosca, fora polido à custa do roçar dos braços e mãos dos freqüentadores da casa. Mesas e cadeiras, da mesma madeira, pareciam muito resistentes.

Foi o que Alan comprovou, ao ver que resistiam bem ao peso do seu corpo, e ao de Maotai. Este, depois de encaixar-se numa das cadeiras, não se sentiu à vontade. Resolveu encarapitar-se sobre uma das mesas, com as pernas cruzadas, e o rifle aninhado contra o peito, tal se fosse uma criancinha necessitada de aconchego afetuoso.

– É tal qual uma estátua de bronze - comentou Lili, admirando a postura hierática do índio.

– Pois é uma estátua de carne e osso, como nós. E possui um coração de ouro.

Lili Carwey meneou a cabeça, faceiramente, e declarou:

– Não me parece.

– Pois pode acreditar. Ouro tão puro como o das montanhas do Huron.

– Ele é de lá?

– É. Chefe de uma tribo canadense.

– Também não parece. Pensei que fosse seu criado.

– Que idéia! Maotai é meu amigo. O mais querido e o mais leal que já tive até hoje.

Maotai ouvia e entendia, mas permaneceu impassível. Não movia um só músculo. Aparentava uma atitude de concentração mística, como se um poder sobrenatural o tivesse petrificado sobre aquela mesa.

Só que, notando que a conversa se prolongava entre o homem e a mulher, exclamou:

– Hum! Hum!

Lili Carwey demonstrou seus dotes de compreensão, asseverando imediatamente:

– Já vai, Maotai, já vai! Não precisa se impacientar.

Ato contínuo, dirigiu-se ao balcão, atrás do qual um homem alto, ossudo, maçãs do rosto pronunciadas, e olhos amortecidos, fingia não ver os recém-chegados. Estava em mangas de camisa, e, com um trapo, enxugava copos, que colocava, em fila, sobre o balcão, sem fazer o menor ruído.

– Sobrou carne assada, Henry?

– Sobrou, sim senhora.

– Então traga dois pratos bem cheios, e uma garrafa de uísque. Veja também...

A voz tranqüila do homem louro interrompeu-a:

– Pode dispensar o uísque, princesa. Maotai e eu só bebemos água ou vinho. Caso não faça questão...

A ruiva fitou-o, com a surpresa estampada nos belos olhos verdes:

– Nenhuma... Mas acho esquisitíssimo que um homem como você não tome uísque.

– Vou tentar explicar, princesa. É que só aprecio as coisas simples, naturais. O que não é o caso do uísque. Bem... talvez seja mania minha, mas não consigo tolerá-lo. E também nunca me embriago.

– Pois eu, às vezes, bebo além da conta - confessou Lili. - É necessário, quando se quer fugir a realidade.

Ficou pensativa por alguns segundos, e depois interpelou o empregado do balcão:

– Então, Henry? Venha logo servir os fregueses.

– Já estou indo.

Enquanto esperavam pela refeição, várias vezes os batentes da porta abriram-se e tornaram a fechar-se, sem que ninguém entrasse. Vendo ali os salvadores de Enzo Wayne, os medrosos habitantes de Birlins, envergonhados de sua covardia, não se animavam a encará-los de perto.

O índio continuava calado e imóvel, com os olhos cravados na porta. Quando esta se movimentava, um

brilho perigoso surgia no fundo das suas pupilas negras, mas a sua impassibilidade persistia.

Quando Henry colocou sobre a mesa, o prato com a carne fumegante e apetitosa, também não se apressou a comer.

A dona da casa, sentada a uma mesa próxima, de frente para Alan, estranhou o fato, e indagou:

– Por que não come? Não disse que estava com fome?

– Está esperando que eu termine - informou o caçador.

– Passa! Que respeito exagerado!

– Está enganada, princesa. Não é por respeito que meu amigo age assim.

– Por que é, então?

– Porque a nossa atenção se desvia, quando se está comendo. E a vigilância afrouxa. Entendeu?

Lili deu uma risadinha divertida.

– Entendi. Ele vigia primeiro, e você, depois.

– Isso! Só que não sou tão intransigente quanto Maotai. Podemos continuar nossa conversa.

– O único assunto que me interessa é convencer você a retirar-se de Birlins.

– Qual a razão dessa insistência? Também tem medo de Charlie King?

– E você não, caçador?

– Claro que não!... E não se esqueça, princesa, meu nome é Alan. Alan Acey.

– E o meu é Lili.

– Não gosta que a chame de princesa?

– Não! Nos seus acessos de carinho, Charlie costuma me chamar assim.

– Nesse caso, nunca mais vou chamá-la de princesa.

A mulher fitou-o, agradecida e intrigada, e exclamou, atraída pelo fascínio daquele olhar viril:

– Nunca vi um homem como você, Alan. Pena que vá morrer tão moço!

– Vítima de quem? De Charlie?

– Dele ou de um dos seus homens. A quadrilha é grande.

– Bem! Dois já se foram, e o chefão ficou sem um dedo. Vai ficar quieto, até a ferida cicatrizar.

– Voltará assim que puder. Não duvide disso. Charlie King nunca ameaça à-toa.

– Não é motivo para sairmos correndo, como coelhos assustados.

– É sim! Pelo menos, para nós, moradores de Birlins.

– Em que estamos prejudicando?

– Em nada. Só que, se ainda estiverem aqui quando Charlie voltar, ele vai arrasar a cidade. Foi o que prometeu.

– Não creio que faça isso, mas, se tentar, os cidadãos de Birlins que defendam o que lhes pertence.

– Santa ingenuidade! - zombou Lili, com uma risadinha.

– Não acha que todos têm obrigação de defender o que é seu?

– É que... Como posso lhe explicar?... Tudo o que é nosso é dele. De Charlie King, entende?

– Explique-se melhor, Lili.

A ruiva hesitou, antes de declarar:

– Acontece que nós fizemos um trato com Charlie.

– Que espécie de tratado?

– Muito simples, caçador. Ele respeita nossas propriedades, e, em troca, nós lhe prestamos obediência.

– Continue, Lili.

– Sabe que Birlins é a única cidade onde se vive com segurança, em toda a região do Grande Canyon Junction? As outras cidades são regularmente assaltadas e saqueadas pelo bando de Charlie. Os habitantes são obrigados a pagar pesados tributos, e ficam expostos a toda espécie de humilhações.

– E aqui, não?

– Ao contrário. Charlie considera esta cidade como o seu reino. Seus homens vêm para cá, descansar e divertir-se, sem receio de qualquer surpresa desagradável. Alguns mantêm mulher e filhos, entre nós.

Na tentativa de esclarecer o assunto, Lili acrescentou, para espanto de Alan:

– Lógico que me refiro as mulheres a quem eles consideram esposas permanentes.

Saindo do seu assombro, o caçador exclamou:

– Ora vejam só! Essa não está nada má!

– A verdade é que não se vive mal aqui - continuou Lili. - Os negócios são lucrativos, porque os companheiros de Charlie gastam muito, e pagam sem regatear.

– Neste saloon também, Lili?

– Naturalmente Aqui é que se reúnem para beber e passar a noite.

– Hum! Hum!

– O que foi que seu amigo disse?

– Que o povo daqui não tem caráter, nem vergonha, nem dignidade, nem nada!

– Ele que meça as palavras.

– Maotai está com a razão, Lili. Esses homens não são criaturas humanas. São abutres! Hienas!

– Cuidado com o que diz, caçador!

– Digo o que sinto. Sabe o que é viver, engordando a carteira e a barriga, à custa dos saques desse canalha? É o mesmo que se alimentarem de carniça. Carne podre de gente inocente... Chega a dar vontade de vomitar!

Lili Carwey esboçou um gesto de rainha ofendida.

– Felizmente não temos o seu estômago delicado, caçador.

– Por isso os comparei aos abutres e hienas, que se deliciam com a carne de cadáveres.

De repente, a bela ruiva saltou da cadeira, como uma pantera ferida, e exclamou, veemente:

– O que queria que fizéssemos? Reagir? Seria rematada tolice. Charlie King nos impôs um tratado de paz, e não tínhamos outro recurso senão aceitá-lo. Não há heróis em nossa cidade, caçador.

– Já estou ciente. Aqui só há covardes.

– Covardes ou não, estamos vivendo.

– Vale a pena viver como escravos?

– Já lhe disse que continuamos em paz, desde que tratemos bem os homens de Charlie.

– O que me diz do chicoteamento daquele pobre rapaz? Chama viver bem, estar sempre à mercê dos caprichos de um bando de miseráveis sem escrúpulos?

– Enzo andou errado - murmurou Lili, mudando de tom. - Sabia que ninguém pode mexer comigo.

– Porque você é propriedade exclusiva do chefe desses bandidos. É isto, não é?

– É isto mesmo. A vida é assim, e não pode ser mudada.

– Pois devia ser, boneca. Viver assim, é algo sórdido!

A bela ruiva pôs as mãos na cintura, e encarou Alan com um sorriso de zombaria.

– Bem se vê que costuma viver isolado, no alto das montanhas, fazendo o que lhe apraz. Pensaria de

outra maneira, se tivesse família em Birlins. E agiria como todos nós.

O caçador louro levantou-se e replicou com vivacidade:

– Engana-se, Lili. Acabei de descobrir que toda essa gente não está sob o domínio de Charlie King, apenas pelo medo. É também por comodismo e cobiça. É mais fácil encher os cofres com dinheiro roubado que com trabalho honrado. Sabe de uma coisa? Maotai e eu não devíamos ter perdido o nosso tempo, salvando um morador dessa cidade nojenta.

– Hum! - enunciou o índio, com acento aprovador.

A mulher assim o compreendeu e explodiu:

– Pois saiam da cidade e nos deixem em paz! Vocês não têm nada com a nossa vida!

– Nossa intenção era apenas fazer uma visita rápida.

– Boa visita! Sabe o que pensamos sobre ela?

– Não, mas gostaria de saber.

– Pois saiba que, para nós, é a visita do diabo. Sim, senhor! O diabo em carne e osso, que veio acender uma fogueira onde todos nós podemos morrer assados.

– Hum! - exclamou Maotai.

Num gesto arrebatado, Alan enfiou o chapéu na cabeça, e retrucou:

– Tem razão, amigo. Vamos embora daqui. Também não consigo suportar o cheiro de carniça deste lugar.

O índio acompanhou-lhe os passos, como uma sombra, porém, perto da porta, parou e murmurou mansamente:

– Hum! Hum!

O caçador deteve-se, vasculhou os bolsos, nervosamente, e terminou por atirar algumas moedas aos pés de Lili.

– Desculpe, boneca. Maotai lembrou-me o pagamento de nossa despesa. Aí está! Pode ficar com o troco.

Uma chama de indignação coloriu as faces da bela ruiva. Sem saber bem por que, sentiu-se, de repente, envergonhada e diminuída perante aquele desconhecido, com quem conversara e mesmo discutira até há pouco. Tinha a estranha impressão de que as moedas arrojadas aos seus pés, haviam atingido seu próprio coração.

Não querendo se dar por vencida, disse em tom de gracejo:

– Obrigada, simpático. Pena que seja um pobretão, comparado comigo.

– Acredito. Seu negócio deve ser bem rentoso, princesa. Mas garanto-lhe que sou muito mais rico que você. Sem comparação.

De pé, no portal do saloon, e abraçado ao seu inseparável rifle, Maotai vasculhava a rua com seu olhar de águia.

E os dois amigos saíram, sem olhar para trás.

CAPITULO 7

Acompanhados pelas três mulas, perambularam pelas ruas desertas, até que Maotai parou.

- Hum!

– Não, Maotai. Pretendo dormir na cidade.

– Hum! Hum!

– O que tem isso, meu velho? Não está com medo, está?

– Hum!

– Não minta, Maotai! Você nunca teve medo de nada. Nem eu. Esses sujeitos não valem nada. São uns covardes.

– Hum!

– Nisso, estamos de acordo. Não me esquecerei de usar os revólveres.

– Hum! Hum!

– Tenha paciência, meu velho! É uma questão de princípios.

Se não quer ficar, pode seguir sozinho.

A mão direita de Maotai largou o cabo do rifle, e deu um pescoção no caçador. Este não se mostrou ofendido por ser tratado como um menino malcriado. Tinha consciência de ter dito algo que não devia, e justificou-se, com um sorriso:

– Perdoe, amigo, mas estava insistindo tanto!...

– Hum!

– Bem, já que fizemos as pazes, vamos tratar de descobrir um bom hotel. Há séculos que não descanso numa cama macia.

– Hum, hum, hum!

– Não se impressione. Daremos um jeito de arranjar um quarto. Agora, o caso mudou de figura. Não há razão para tratarmos essa gente com delicadeza. Já sabemos quem são.

O único hotel de Birlins ficava bem em frente ao Comissariado. O comissário continuava encostado ao batente da porta, como se não tivesse mais o que fazer. Encolheu os ombros ao ver os teimosos forasteiros, deu meia volta e entrou, fechando a porta.

O índio amarrava as mulas no gradil do hotel, quando ouviu os passos do companheiro, atravessando a rua. Voltou-se rapidamente, já de rifle apontado, porém Alan tranqüilizou-o, dizendo:

– Não há nada, meu velho. É que me deu vontade de ir dizer umas verdades a este tal comissário.

O representante da lei estava sentado, com as pernas esticadas em cima da escrivaninha. Sem dar uma palavra, apontou para o tabique à direita da entrada.

Alan olhou na direção indicada e viu, gravada na madeira, a ponta de faca, uma longa lista de nomes. Com toda a calma, começou a ler:

– Ian Hendrey, Cristopher Angel, Walter Gargili, Perry Cooper...

Ao chegar ao décimo segundo nome, desistiu da tarefa, e perguntou:

– De quem são estes nomes?

– Dos xerifes e comissários que tiveram menos amor à vida do que eu. Não deu para entender, rapaz?

– Não, comissário, não chegou. Estes homens - declarou o caçador, apontando, por sua vez, para a lista de nomes - morreram por alguma coisa, enquanto você vive por coisa alguma.

– Mas, vivo.

– Como um rato assustado.

– Como um rato, concordo. Não vou discutir esse ponto. Mesmo porque, você me parece tão perigoso quanto Charlie.

– Por favor, não me compare a esse miserável.

– Está certo... Queria lhe pedir um favor. Meu nome é Chuck Wolf. Lembre-se de acrescentá-lo a essa lista, se, por acaso...

Alan interrompeu-o, em tom de desprezo:

– O nome de um covarde não é digno de figurar nesta lista.

Ao ouvir o insulto, Chuck Wolff ergueu-se num ímpeto. Como acontecera com Lili Carwey, sentiu-se atingido intimamente. Mas, dominando-se, admitiu, cabisbaixo:

– Tem razão. Os covardes não têm nome.

Alan voltou ao hotel. Logo de entrada, viu, no vestíbulo, um homem deitado no chão, que parecia dormir um sono beatífico. Ao seu lado, o impassível Maotai.

– Hum!

– Não devia tê-lo sacudido com tanta força, meu velho. Afinal, eu só disse que não precisávamos ser delicados... Você exagerou. Vamos procurar nossos quartos?

– Hum! Hum!

– Você se lembra de tudo, Maotai. Vou ajudá-lo a acomodar as mulas.

Meia hora mais tarde, após descarregarem e cuidarem dos animais, deixando-os na cavalaria do hotel, ambos voltaram ao vestíbulo, onde o dono do hotel, com o nariz enfiado numa revista, fingiu não ver os hóspedes improvisados subirem a escada que levava aos dormitórios.

Os dois amigos resolveram ocupar o mesmo quarto. O caçador deitou-se na cama, e o índio preferiu o soalho duro, desprezando o confortável sofá.

Como se fizesse parte integrante de sua personalidade, o rifle repousava em seus braços, como uma criança nos braços carinhosos do pai.

* * *

Ao nascer do sol, os dois desceram ao vestíbulo. Diante da porta do hotel, estavam as três mulas,

arreadas e carregadas. Com a sua característica variedade de entonação, o índio exclamou:

– Hum! Hum!

– É mesmo. Ele pensa que estamos de partida - concordou o caçador louro.

Na varanda, encontraram o dono do hotel, cochilando numa cadeira de balanço. Levantou-se de um pulo, ao avistá-los, e apontou para as mulas.

– Já estão prontas, senhor.

– A questão, amigo, é que não vamos sair agora.

O homem fitou-os, incrédulo. Abria e fechava a boca, sem conseguir falar. A muito custo, engoliu a saliva e murmurou:

– Pensei que fossem.

– Antes, queremos comer.

– Ótimo! Vou servi-los agora mesmo. Dei uma boa ração às suas mulas, e escovei-as. Não estão bonitas?

Havia em sua voz, uma estranha mistura de orgulho e subserviência.

– Obrigado. Você é um homem que sabe cumprir com suas obrigações.

– Para ser franco, o que desejo é ver o senhor e o seu amigo fora de meu hotel - confessou o homem, com um sorriso trêmulo. - Devo lhe dizer que sua permanência na cidade está causando sérios transtornos a todos nós.

– Já ouvi dizer isso.

– O senhor parece ser uma pessoa inteligente. Procure entender nossa situação. Seria bem desagradável nos obrigar a...

– Pode falar, amigo. Sem medo.

– Quero lhe avisar que, alguns dos moradores, levados pelo medo, podem adotar atitudes lamentáveis.

– Quer dizer, tentar matar-nos?

– É o que eu queria lhe dizer, senhor - concordou o homem, muito compenetrado. - Há gente ruim nesta cidade.

– Já sei. Gente capaz de tudo, para que o dinheiro roubado pelo bando de Charlie King continue a cair em seus bolsos.

– Infelizmente é assim, senhor. Mas a maioria está dominada pelo terror. Pode crer, senhor.

– E o senhor? Age por medo ou por interesse?

O homem ficou lívido, e pôs-se a gaguejar:

– Eu... eu... Não queriam... comer? Entrem. Vou lhes servir um bom assado de porco.

– Hum! - pronunciou o índio.

– O que ele quer dizer? - indagou o homem, atônito.

– Que já está farto dos suínos de Birlins. Quer outra coisa. Por exemplo: ovos com presunto.

– Como queiram. Entrem, por favor.

Terminada a succulenta refeição, Maotai expressou sua opinião, com a habitual exclamação.

– Dessa vez, concordo, amigo. Vamos para Yellowstone, vender nossas peles.

Ao abrir a bolsa, o caçador constatou, meio aborrecido, que lhe restavam poucas moedas. Maotai sugeriu algo:

– Hum! Hum!

– Não seria correto, amigo. Temos que pagar nossas dívidas.

O dono do hotel gritou lá de dentro:

– Chegou uma visita para os senhores.

Alan voltou a cabeça e Maotai apontou o rifle. Cumprindo sua promessa, o caçador ostentava dois revólveres no cinturão. Curioso e admirado, indagou:

– Que espécie de visita?

– Eric Wayne e sua filha Annie, senhor.

Nunca tinham visto os visitantes, mas o nome de Wayne não lhes era estranho, e levantou-se para recebê-los.

CAPÍTULO 5

O visitante era alto e forte, de ombros largos, beirando os cinqüenta anos. Não usava armas, como aliás, todos os habitantes de Birlins, inclusive o comissário.

A moça tinha cabelos claros e olhos azuis, que encararam ousadamente, o caçador louro.

Alan admirou a esbelteza do corpo jovem, e a pureza de suas linhas. Embora não possuísse a beleza estonteante de Lili Carwey, Annie Wayne era realmente uma moça encantadora.

Com um gesto cordial, tentou colocar seus visitantes à vontade, pois demonstravam uma certa inquietação como a atitude agressiva de Maotai.

– Em que posso servi-los?

O homem apresentou-se, em tom grave:

– Meu nome é Eric Wayne, e esta é minha filha Annie. Sou pai de Enzo Wayne.

– Eu me chamo Alan Acey, senhor, e este é o meu amigo Maotai.

– Já sabemos. Vocês dois são o assunto do dia.

– Se não me engano, Enzo é o rapaz que foi chicoteado.

– Justamente, Senhor Acey - retrucou a moça, baixando os olhos.

– Como vai seu irmão? Melhorou?

– Morreu de madrugada - informou o pai de Enzo.

Alan crispou as mãos, e Maotai murmurou:

– Hum!

– Sentimos muito, Senhor Wayne. Fizemos o que nos foi possível, para salvá-lo.

– Sabemos disso, Senhor Acey. É por esse motivo que viemos procurá-lo.

O caçador sentiu-se emocionado com a dor profunda estampada nos rostos do pai e da filha. Lia-se neles, não só a angústia da perda de um ente querido, em circunstâncias tão dolorosas, como a tragédia de uma luta íntima, que terminara por conduzi-los à sua presença.

– Papai, acho melhor conversarmos lá em casa - e voltando-se para Alan, a moça interrogou: -Há algum empecilho, Senhor Acey?

– Hum!

Pai e filha sobressaltaram-ss. Alan explicou:

– Maotai está dizendo que, da nossa parte, não há nenhum. Mas avisa que devemos nos precaver contra uma surpresa desagradável.

Com ar meio incrédulo, Eric Wayne perguntou:

– Ele quis dizer tudo isso?

– E muito mais, Sr. Wayne. Por exemplo, o senhor é um dos raros homens desta cidade que ainda conserva sentimentos de dignidade e coragem .

Annie Wayne exclamou, espantada:

– Não é possível que se possa dizer tanta coisa numa só sílaba.

– Por que não, senhorita? Uma simples sílaba pode resumir muitas frases. Veja! Meu amigo concordou em irnos à sua casa. Isto quer dizer que os considera pessoas honradas e dignas. E, quanto à coragem, deduz-se que é preciso ser realmente corajoso, para vir nos procurar, quando toda a cidade nos considera homens marcados pelo bando de Charlie King.

Pela primeira vez, um leve sorriso aflorou aos lábios de pai e filha.

– Está certo, Senhor Acey - disse Eric Wayne. - Uma sílaba e um olhar podem, mesmo, dizer muita coisa. Minha inesquecível esposa e eu nos entendíamos sem precisar falar.

– Papai, por favor! - advertiu a jovem.

– Desculpe, filhinha. O passado é o passado. Temos que cuidar do presente. Peço-lhes desculpas, senhores.

A mão calosa de Eric Wayne estendeu-se para Maotai.

– Obrigado pelo que fez e pela sua boa opinião a nosso respeito. Prometo-lhe que não se decepcionará .

Passando o rifle para a mão esquerda, o índio correspondeu ao gesto amistoso. Seu rosto permaneceu impassível. Só Alan Acey, que o conhecia bem, compreendeu quanto o comovera aquela demonstração de apreço. Para Maotai, apertar a mão de outro homem significava uma promessa de fraternal e perene amizade. Mas apenas enunciou o seu eterno:

– Vamos, Senhor Acey. Temos muito que conversar.

O caçador percebera que, durante esta troca de frases, o dono do hotel abanava a cabeça, e puxava os próprios cabelos num gesto de desespero. Afinal, não se conteve mais.

– Está cometendo uma verdadeira loucura, Eric. Já se esqueceu da causa da morte de sua mulher?

O pai de Annie voltou-se, da porta, e replicou em tom amargo, porém, resolutivo:

– Nunca poderia esquecer, Levin. É um dos motivos que me trouxe aqui.

Alan não podia estar a par da tragédia conhecida por todos os habitantes de Birlins. Também não fez nenhuma pergunta. Detestava ser importuno ou indiscreto. Limitou-se a apontar as mulas, pedindo ao dono do hotel:

– Faça o favor de descarregá-las, e levá-las outra vez para a cavalaria. De passagem, de uma olhada nestas peles, caso esteja interessado. Posso lhe fazer um bom preço.

Na rua, Maotai colocou-se, como sempre, alguns passos atrás do caçador branco. Eric Wayne indagou:

– Está com problemas financeiros, Senhor Acey?

– Não chega a ser problema, mas estamos com pouco dinheiro.

– Não se preocupe. Aqui, em Birlins, pode faltar tudo, menos dinheiro.

Alan ia replicar que sua ajuda não estava à venda, quando a conhecida advertência ressoou às suas costas.

– Hum, hum, hum!

Interpretando corretamente os três sons, seus olhos atentos procuraram o inimigo oculto. Ele e Maotai agiram de modo idêntico, empurrando ao mesmo tempo, pai e filha, que se projetaram, de bruços, no chão poeirento.

Não fosse uma ação tão instantânea, as balas que passaram sobre eles, zunindo, lhes teriam atravessado os corpos.

Também estendidos a fio comprido, o caçador e o índio responderam ao tiroteio, de forma fulminante .

O troveijar do rifle de Maotai silenciou o atirador da esquerda, e o Colt 45 de Alan produziu o mesmo efeito, do lado direito. Dois homens caíram, em duas esquinas fronteiras, e o tiroteio cessou, tão rapidamente como tinha começado. Fora tudo uma questão de segundos.

Eric e Annie Wayne foram levantando as cabeças sujas de pó, mas, com voz imperiosa, o caçador ordenou:

– Continuem deitados. Há um terceiro homem, emboscado. Maotai disse que o viu, daquele lado.

O atirador invisível não se manifestou mais. O silêncio pesava na rua ensolarada.

Ágil como um gamo, o índio deu um pulo para cima, e sem alterar a posição do rifle, tornou a atirar-se ao solo. Logo a seguir, levantou-se calmamente, no que foi imitado por Alan. Aquilo fora um teste para saber se o inimigo permanecia em sua posição. Já que não tinha atirado, quando Maotai se erguera, da primeira vez, era sinal evidente que tinha desistido do seu intento.

Prudentemente, os dois caçadores esgueiraram-se, rente às paredes das casas, até chegarem junto aos cadáveres. Ainda não refeitos do susto, Eric Wayne e sua filha foram atrás deles.

Sem demonstrar muita surpresa, Eric identificou os dois corpos sem vida.

- São Tommy Sterger e Alex Jurgens.
- Do bando de Charlie King?
- Não. Moradores da cidade.

Enquanto Maotai inspecionava a rua, o caçador louro abriu o tambor do revólver e substituiu o cartucho deflagrado.

– Isto é o que chamo estar entre dois fogos - comentou.

– Ouvi dizer que houve uma reunião de moradores, em casa de Tommy, ontem à noite. Ele e Alex eram dos negociantes mais prósperos de Birlins.

– Pois agora, em vez de ouro, ganharam chumbo.

Alan notou que a jovem Annie o ouvia, com um toque de receio e desconfiança, nos puros olhos azuis. E foi com voz trêmula, que perguntou:

– O senhor... e seu amigo... também são pistoleiros?

– Annie! - repreendeu o pai.

– Deixe, Senhor Wayne!... Por que pergunta isso, senhorita?

– É que... têm a pontaria tão certa! - replicou ela, desviando os olhos.

– Maotai e eu passamos todo o inverno caçando nas montanhas. Isso dá muita prática, Senhorita Annie.

– Não sei como seu amigo percebeu a emboscada - observou o pai de Enzo e Annie.

– Também é uma questão de hábito, Senhor Wayne. Um caçador tem que estar sempre atento para conseguir apanhar a caça. Por exemplo: uma raposa branca confunde-se com a brancura de neve, mas um bom caçador sabe descobri-la.

Maotai reaproximou-se. Parecia preocupado por não ter conseguido localizar o atirador.

– Não percamos mais tempo. Vamos para minha casa - convidou Eric Wayne.

Alan ia lhe perguntar quem recolheria os mortos, mas reconsiderou, e não fez a pergunta. Não só porque não tinha nada com o assunto, como porque lhe pareceu que os moradores de Birlins, por mais egoístas e displicentes que fossem, não iriam deixar dois corpos insepultos, apodrecendo nas ruas de sua cidade.

CAPÍTULO 6

Na casa de Eric Wayne, cinco homens estavam reunidos. Todos passavam dos quarenta anos, e pareciam lavradores, a julgar pelas mãos calosas, rosto curtido e vestes rústicas. Levantaram-se à chegada do dono da casa e seus acompanhantes, com evidente retraimento, e mesmo uma certa frieza.

Annie dirigiu-se ao interior da casa, um tanto admirada por ver que era acompanhada por Maotai. Ao voltar à sala da frente, este anunciou ao companheiro:

– Hum!

Eric Wayne franziu a testa, compreendendo que o índio fora vistoriar seu lar, mas não podia mostrar-se aborrecido com tal excesso de precaução, e continuou as apresentações:

– Yal Niven, Gerard Gropaex, Mendy Weiss, Albert Banto, e Dave Meyer. São...

– Dispensamos formalidades - interrompeu um dos homens. - Vamos ao que nos interessa.

– Isso mesmo! - aprovou outro. - Eles aceitaram a nossa proposta?

– Não tive tempo de perguntar. Ia falar, quando...

– Já sabemos o que aconteceu, Eric. Mandy estava vigiando e viu Tommy e Alex.

– Espere aí! - interrompeu Alan, por sua vez. -Se viram os homens emboscados, por que não foram nos avisar? Essa história não está certa, amigos.

– Não tínhamos certeza de suas intenções. E, para ir ao hotel, teríamos que passar por eles.

– Vá lá que seja! Pelo menos, devem saber quem era o terceiro homem.

Os homens hesitaram mas, afinal, um deles informou de má vontade:

– Era Karl Peck.

– Quem é esse sujeito?

-- O dono do mercado de frutas e legumes - informou Eric.

Alan sorriu e comentou:

– Então, está explicado. Nós estamos atrapalhando os bons negócios que esse cidadão faz com o bando de Charlie King. Por isso é que resolveu nos mandar para o inferno.

Os seis homens entreolharam-se, e um deles falou:

– Talvez não acredite, Senhor Acey, mas nem todos os homens que moram nesta cidade são os canalhas que julga. É bom lembrar-se que Charlie King deu ordem para que o exterminássemos. Do contrário...

– Arrasaria nossos lares - completou outro.

– O que esperam de mim, senhores? - perguntou o caçador, após alguns segundos de silêncio.

Eric Wayne tomou a palavra:

– Yal, Gerard e eu, queremos que fique conosco, e nos ajude contra esses bandidos, Senhor Acey. Mendy, Albert e Dave são de opinião que lhe peçamos para retirar-se pacificamente.

– Quer dizer que estão empatados... Posso saber se as mulheres têm direito de votar?

– O que quer dizer?

– Aonde pretende chegar? Não estamos aqui para brincadeiras.

Sem dar atenção ao vozerio excitado, o caçador louro pediu ao dono da casa:

– Quer ter a bondade de chamar sua filha, Senhor Wayne? Ela é quem vai decidir a questão.

– Não pode ser. Annie não passa de uma criança - opinou Albert Banto.

– Hum! Hum!

Todos fitaram o índio, e Alan traduziu:

– Meu amigo diz que a Senhorita Annie é uma mulher. E, por sinal, uma mulher muito bonita.

Eric Wayne levantou-se e declarou.

– Os senhores é quem devem decidir. Se quiserem nos ajudar, garanto que não vão se arrepender.

– Talvez nos resolvamos a ficar, só para acabar com a prosa desse tal Charlie King. Já têm algum plano formado?

– Por enquanto, nenhum. Mas estamos dispostos a tudo, para nos livrarmos desses canalhas. Nem imagina o que sofremos, quando o bando todo vem

passar dias em nossa cidade. Escândalos, brigas, bebedeiras, e até...

Eric Wayne calou-se, a voz embargada pela emoção. Um dos seus amigos interpelou-o, com certa reprovação:

– Por que não conta logo a verdade toda?... O caso, Senhor Acey, é que esses miseráveis chegam ao cúmulo de disputar nessas próprias esposas e filhas. Não sei como ainda suportamos tantos horrores.

Fez-se um silêncio opressivo. Cada um daqueles homens parecia esmagado pelo peso de uma lembrança torturante.

A voz de Eric Wayne tornou-se quase um soluço:

– Esse horror aconteceu com minha adorada esposa, Senhor Acey. Ela preferiu morrer.

A mão leal de Alan Acey estendeu-se para o homem que soluçava como uma criança, acabrunhado pela recordação.

– Tenha calma, Senhor Wayne! Procure reagir!

– Não suporto mais! - explodiu o pai de Annie.

– Minha mulher... meu filho... e, talvez, amanhã...

Não! Não posso agüentar mais!

Annie veio correndo, da cozinha onde preparava o café, e pôs-se a acariciar, ternamente, a cabeça encanecida do pai. Alan percebeu o brilho de lágrimas contidas, nos meigos olhos azuis, mas a voz da moça era firme e decidida, ao pedir:

– Por favor, Senhor Acey, fique aqui e acabe com estes bandidos! Mate-os de qualquer jeito! Não tenha contemplações, nem piedade! Acabe com eles, pelo amor de Deus!

Dave Meyer procurou acalmar a moça.

– Tenha paciência, Annie! Bem sabe que é inútil lutar com Charlie King. Em minha opinião, o melhor para nós é estes dois homens abandonarem nossa cidade.

No intuito de amenizar aquela tensão nervosa, o caçador perguntou:

– Nunca recorreram às autoridades do Estado?

– As autoridades de Montana estão muito longe, Senhor Acey. Isto aqui é o fim do mundo. E é uma região pobre, que não interessa aos políticos. Lá, em Washington, nem sabem que existimos.

– E se recorressem ao pessoal de Helena ou de Yellowstone? Talvez fossem bem sucedidos.

– Qual! Já tentamos, e nada adiantou. Uma vez, o Coronel Forsyt concordou em enviar um pelotão de cavalaria de Forte Keagh. Sabe quantos soldados regressaram ao quartel? Sete!

– O pior é que, para se vingar, Charlie King incendiou dois povoados - informou Albert Banto.

Acalmado pelas carícias da filha, Eric retomou a palavra:

– O governador de nosso Estado está sempre muito ocupado, e não pode perder tempo com uma

cidadezinha sem importância, como é a nossa . A única providência que tomou, foi nos mandar um ofício, autorizando a nomeação de um xerife e seis comissários. Também já tentamos esse recurso, mas não deu certo.

– Sei disso. O atual comissário mostrou-me a lista, em seu escritório.

Yal Niven, dono de gênio violento, exclamou, de repente:

– Que diabo! O Governo tem suas razões. Em vez de esperar por soldados estranhos à cidade, nós é que tínhamos obrigação de nos defendermos.

– De que modo, Yal? - perguntou Banto.

– Como fez esse rapaz. Afrontando os bandidos. Lutando com unhas e dentes, de qualquer jeito. E é isso que temos de fazer, agora!

– Falar é muito fácil. Agir é muito diferente. E nesse caso, é quase impossível. Por cada um dos seus homens que morresse, Charlie mataria dez de nós.

Alan interrompeu a discussão, perguntando:

– Por acaso, vocês dispõem de armas?

Um brilho de susto surgiu em todos os olhos. Eric Wayne informou baixinho, como quem receia ser ouvido:

– Algumas. Charlie King mandou apreender todas as nossas armas, menos as escopetas de caça, mas, sabe como é...

– Bem, senhores, meu amigo e eu agradecemos a confiança daqueles que solicitaram a nossa ajuda, mas queremos lembrar-lhes que não temos interesse pessoal nessa luta.

– Quer dizer que recusa?

– Não disse isto. É que julgo necessário aliciarem mais companheiros dispostos a lutar. Do contrário, não terão a menor possibilidade de êxito.

O caçador fez uma pequena pausa.

– Em minha opinião, devem combinar um plano de ataque; reunir todas as armas disponíveis, e aguardar o momento propício.

Dando a entrevista por terminada, arrematou-a com estas palavras:

– Não quero desanimá-los, mas apenas seis homens como vocês não podem fazer nada sozinhos.

– Diga logo que está tirando o corpo fora, Senhor Acey - bradou o impulsivo Yal.

Alan Acey colocou a mão sobre o seu ombro, e explicou:

– Não estou dando nenhuma resposta definitiva. Não assumi qualquer compromisso, mas não vamos sair da cidade. Tomem suas deliberações e depois nos comuniquem. Estamos no hotel.

Nova pausa de Alan, em busca de aprovação nos olhos de Maotai.

– Se acharmos que seus planos são viáveis, entraremos em ação conjunta. Caso contrário, Maotai e eu agiremos como melhor nos parecer.

– Quanto querem ganhar pela sua ajuda?

Alan encarou severamente Gerard Gropaex, e Maotai pronunciou:

– Hum!

– O que ele quis dizer? - perguntou Gerard, atarantado.

– Não vai ficar satisfeito em saber, Senhor Gropaex, mas, em todo o caso, vou lhe dizer. Maotai acha que o senhor não merece que se mexa um dedo em seu favor.

– Não quis ofender. Pensei que fizesse parte do trato.

– Ofendeu, e muito, Senhor Gropaex. Maotai e eu ganhamos a vida como caçadores de peles, e não como pistoleiros. Só matamos homens em legítima defesa, ou por uma causa justa. Passem bem, senhores!

Annie ia abrir a porta, mas o índio tomou-lhe a dianteira. Afastou-a delicadamente para um lado, e estendeu a mão para trás. Compreendendo o gesto, o caçador louro entregou-lhe o chapéu, que Maotai colocou na ponta do rifle.

Ante o espanto dos presentes, foi abrindo a porta, devagar, e introduziu o chapéu pela abertura.

A curiosidade transformou-se em espanto geral, quando uma bala zuniu, vindo achatar-se na madeira da porta.

O índio puxou o rifle para dentro, fechou a porta, entregou o chapéu furado ao dono, e murmurou, como sempre:

– Hum!

Tranqüilamente, o caçador voltou-se para os homens atônitos.

– Com licença do Senhor Wayne, Maotai e eu vamos sair pela porta dos fundos. Até à vista, senhores!

Sem esperar mais, os dois amigos entraram casa a dentro e desapareceram.

CAPÍTULO 7

O Comissário Chuck Wolff nunca tinha sido procurado por tanta gente. O escritório tornara-se pequeno para conter aqueles homens que gesticulavam, vociferavam e ameaçavam.

Apertado por todos os lados, Chuck pôs-se a gritar:

– Já disse que não, e basta! Não adianta insistirem!

– Você é pago para manter a ordem - lembrou alguém.

O comissário replicou em tom rude:

– Vá para o inferno! Aqui não há ordem nem lei!

– Charlie King dita a lei. E temos que obedecer-lhe

– Desde quando um bandido dita leis neste país?

– Que história é essa, Chuck? Você sempre se submeteu ao jugo de Charlie!

– Do mesmo jeito que vocês. À força.

– Isso não interessa. Vai ou não vai mandar aqueles homens darem o fora daqui?

– Não, não, e não! Já disse!

Alguém gritou do meio do grupo:

– Você não passa de um covarde, Chuck!

Identificando o homem pela voz, Chuck Wolff retrucou:

– E você, Phil? Por acaso julga-se algum herói? Pois então, vá lá, e expulse os homens.

– A estrela é sua! - gritou outra pessoa.

Fora de si de indignação, Chuck arrancou a insígnia do peito, e jogou-a sobre a mesa.

– Aí está! Quem quiser que fique com ela... Aqueles dois já mataram quatro homens. Não pretendo ser o quinto. Então? Quem quer usar a estrela?

– Deixe disso, Chuck! - interveio alguém com ar conciliador. - Recoloque a sua estrela. Você tem sido um bom comissário. Claro que, dentro do possível.

– Não senhor! Acabou-se! Não vou fazer o que querem. É uma exigência absurda.

– Estamos zelando pelos nossos interesses, Chuck.

– Bonito zelo! Querendo expulsar da cidade, os únicos homens que tiveram a coragem de enfrentar esses bandidos...

– Bem sabe, Chuck, que, se Charlie os encontrar aqui, vai cumprir sua promessa de incendiar Birlins.

Um dos homens apanhou a insígnia e pregou-a no peito de Chuck. Cansado de discutir, este cedeu.

– Está certo. Vou ver o que posso fazer.

Os moradores que não tinham conseguido entrar no escritório, por falta de espaço, abordaram-no, na rua, crivando-o de perguntas. Sem lhes dar atenção, ele

abriu caminho a cotoveladas, e atravessou a praça, em direção ao hotel.

– Os homens não estão aqui, Chuck - informou o proprietário, que parecia estar à sua espera.

O sorriso de alívio do comissário logo se apagou, pois o recepcionista acrescentou:

– Devem estar no GlorySaloon.

– Mas não é possível! Não vi ninguém sair do hotel.

– Não quer dizer nada. Esses malditos entram e saem, mais pelas janelas que pelas portas. São uns demônios!

– Ou uns sujeitos muito espertos, Levin!

Tendo tomado sua decisão, Wolff encaminhou-se para o saloon de Lili Carwey. Encontrou-o quase vazio. A maior parte dos fregueses alegara negócios urgentes, assim que os temidos visitantes tinham chegado.

Chuck não se sentiu muito à vontade sob o olhar vigilante do índio, de rifle em punho. Será que não deixaria a arma, nem para dormir?

Advertido pela expressão de Maotai, Alan voltou a cabeça e encarou o comissário. Este parou diante da mesma ocupada pelos dois amigos, e depositou sobre ela, a estrela, que desprendera novamente do seu casaco de couro.

– Senhores, como comissário desta cidade, fui encarregado de enxotá-los, por bem ou por mal. Mas,

como não quero fazer isso, renuncio ao meu cargo e lhes entrego a minha estrela.

– Hum!

Wolff dirigiu um olhar reprovador ao índio.

– Não pode deixar de falar desse jeito?

Alan saboreou mais um gole de limonada, colocou o copo ao lado da insígnia, e disse, risonho:

– Não se aborreça, Senhor Wolff. Maotai lhe fez um elogio.

– É mesmo?

– Quer saber o que ele disse? "Veja só, Alan? Este homem ainda tem um pouco de decência e dignidade."

– Tem certeza de que seu amigo disse isto?

– Absoluta! Conheço Maotai como a mim mesmo.

– Pois o seu oráculo enganou-se. Não possuo sombra de decência nem de dignidade.

– Porque se amesquinha tanto, comissário?

– Porque sei que é verdade. Se eu tivesse dignidade, sabe o que teria feito? Pediria a vocês que ficassem para me ajudar a remover a escória humana desta infeliz cidade.

– Por que não experimenta pedir? - perguntou o caçador, em voz baixa e mansa.

Chuck hesitou. Sem discernir se o outro falava sério ou estava brincando, terminou por encolher os ombros.

– Para quê? Você seria muito tolo de arriscar sua vida sem necessidade.

Alan tomou outro gole de refresco, e esclareceu, em palavras pausadas:

– Sabe, amigo Chuck? Nem sempre, um homem age movido pelo interesse próprio. Pode agir por um impulso íntimo, que o induz a defender o que julga certo e justo. Esses impulsos são parte integrante do ser humano, e o colocam num plano superior aos animais.

– Você tem jeito para pregador.

– A idéia não me parece má - sorriu Alan. -Quem sabe ainda apareço aqui como pastor?

Com o dedo, indicou a insígnia sobre a mesa:

– Porque não a coloca outra vez, comissário?

– Não! Chega de problemas! Vocês me trouxeram milhões deles... Ainda hoje, nossas ruas ficaram sujas de sangue.

– De lama, comissário. Sangue de covardes que nos atacaram de emboscada. Ou não sabia disso?

– Claro que sabia! A prova é que não os incomodei .

– Lá isto é verdade! Até estranhei um pouco. Nunca estive numa cidade que se importasse tão pouco com os mortos.

– Questão de hábito.

– É triste, comissário... Não quer se sentar?

Chuck forçou um sorriso jovial.

– Deus me livre! Ainda não estou louco de todo. Não vou me arriscar a que me denunciem a Charlie, como seu amigo.

– Hum!

– Que diabo quer ele dizer?

– Que, nesse caso, é melhor que vá embora.

– Muito acertado! Diga-lhe que agradeço o conselho, e vou segui-lo agora mesmo - e, aparentando uma tranquilidade que estava longe de sentir, Wolff despediu-se com um: - Até mais ver, senhores.

– Ou até o inferno, comissário.

Tais palavras de Alan não foram muito agradáveis a Chuck, mas, o que mais o aborreceu, foi ouvir os sons guturais e incompreensíveis que saíram dos lábios do índio:

– Hum, hum, hum! - Afastou-se, dizendo a si mesmo:

"Com certeza, este demônio vermelho está me criticando. Só queria descobrir como o outro o compreende."

CAPÍTULO 11

As detonações sucediam-se, ecoando entre os rochedos do Grande Canyon Junction.

De longe, o viajante menos avisado poderia supor que, naquela região acidentada, travava-se uma batalha, ou fuzilavam-se prisioneiros, em descargas cerradas.

Mas não era nada disso. Era apenas o "rei", que exercitava sua perícia de atirador. Andy e outro membro do bando, apresentavam-lhe, sucessivamente, revólveres carregados, que ele esvaziava sobre alvos colocados à distância.

Charlie recuperava a sua pontaria, de uma precisão e rapidez desconcertantes. — Parece que minha mão já está em forma - observou, dando o exercício por terminado.

Seu rosto tornara-se sombrio. A menor alusão ao seu dedo decepado trazia-lhe à memória o autor do "monstruoso crime". Andy tinha certeza de que seu chefe não voltaria a ser o mesmo homem, enquanto não descarregasse a carga de seus revólveres no peito do caçador louro e seu bronzeado amigo índio.

Dar cabo daqueles dois homens, tornara-se uma verdadeira obsessão para Charlie. Só falava nisso,

durante os longos serões, à volta da fogueira, no esconderijo secreto da quadrilha. Mas, o fato do "rei" não tomar a iniciativa de ir à Birlins, decidir a questão, desgostava e preocupava os seus companheiros. Não sem alguma razão. Alguns murmuravam que o chefe estava ficando mole, e Andy procurou explicar-lhes:

– Charlie tem boas razões para não ir a Birlins.

– Por causa de Lili Carwey?

– Qual! Charlie não é homem para dar importância a mulheres. É outra coisa.

– Para mim, o chefe está com um pouco de medo daquele caçador - afirmou, claramente, um dos bandidos.

Outros repetiram a mesma coisa, e Andy viu-se obrigado a tornar-se mais explícito. Para isso, aproveitou o momento em que Charlie King dormia a sesta.

– Botem os miolos para funcionar, e compreenderão por que o chefe ainda não foi liquidar aquele assunto.

Os bandoleiros pensaram, cocaram a cabeça, e tornaram a pensar, sem atinar com a solução do mistério. Especialistas na arte de roubar e matar, só costumavam pensar em comer, beber, dormir, e divertir-se com mulheres. Pensar em outras coisas, era, para eles, penoso exercício. E Andy teve que lhes explicar:

– Se formos a Birlins, e aqueles dois pilantras ainda estiverem lá, Charlie se verá obrigado a cumprir sua palavra, e incendiar a cidade.

– E o que tem isso de mais?

– Pensem um pouco! Em que lugar iríamos nos divertir?

– Não faltam cidades por aí.

– Estão esquecidos que, nessas outras cidades, nossas festas sempre acabavam em tiroteio?

-- Lá isso é verdade.

– Pois então?!... Em Birlins, o povo é pacato, e respeita o tratado feito com Charlie. Somos donos e senhores da cidade. Bem tratados, bem dormidos, bem alimentados, em troca do nosso rico dinheirinho.

– Não é que tem razão, Andy? Não tinha pensado nisso.

– Com franqueza, não sei para que vocês tem cabeça!

– Coitado do chefe! - exclamou um. - Está entre a espada e a parede.

– Quem sabe, Jeff? Talvez que, a estas horas, os dois intrometidos já estejam debaixo da terra. O povo de Birlins não é maluco para afrontar Charlie King.

– É, Andy... Quem sabe?

– Só há um jeito de descobrirmos isso, rapazes.

Desta vez, todos compreenderam onde Andy queria chegar. O homem que falara por último, foi logo se desculpando:

– Eu é que não posso ir a Birlins, Andy. O chefe me mandou vigiar a estrada de Yellowstone.

– Um dos novatos pode substituí-lo nessa tarefa, Jeff. Explicarei a Charlie. Você é um dos nossos melhores atiradores. Poderia levar Lesley e Carson. O que acha?

– Não sei! Aquilo lá anda quente.

– Não me diga que está com medo de um índio piolhento e um branco vagabundo.

– Andy... eu ouvi a história contada por Karl Peck. Ele, Tommy Sterger e Alex Jurgens armaram uma emboscada a esses dois camaradas, e o que aconteceu? Só Karl escapou para contar o caso. Não é muito animador, não acha?

– Ora! Aqueles idiotas não podem se comparar com você.

– Está certo, Andy. Se quer assim, irei até Birlins ver como andam as coisas.

– O chefe vai ficar muito satisfeito com a sua decisão. Ele já me disse que, depois do ataque que planejamos, a Flohead Lake, vamos todos, passar uma semana na cidade.

A conversação derivou para outros assuntos. Os mesmos de sempre. Assaltos, bebidas, jogo, mulheres, dinheiro. Enfim, conversas de bandoleiros .

Naquela noite, enquanto os homens dormiam, Charlie King felicitava Andy.

– Ótimo, rapaz! Você é muito inteligente.

– Foi fácil, Charlie. Esses rapazes não tem miolos. São capazes de matar a própria mãe, mas não sabem pensar.

Jeff, Lesley e Carson cavalgavam tranquilamente em direção a Birlins, sem suspeitarem que sua presença já fora denunciada e dois inimigos se preparavam para interceptar-lhes o passo.

Annie Wayne, de longe, identificara os três bandoleiros, e apressara-se a transmitir a informação ao caçador louro e seu fiel amigo Maotai.

– Aí vêm Jeff, Lesley e Carson.

– Tem certeza de que fazem parte do bando de Charlie?

– Claro que tenho! Fartei-me de ver os três, nas ruas de nossa cidade.

– Sua idéia de ficar de vigia foi excelente. Maotai e eu já estávamos ficando impacientes com a demora de Charlie em aparecer ou mandar algum dos seus homens. Muito obrigado! Você é, realmente, uma moça muito corajosa.

– Meu pai está resolvido a ajudá-los por todos os meios possíveis. E eu também.

– E os amigos de seu pai, Annie?

A jovem baixou a cabeça, envergonhada.

– Infelizmente, meu pai fracassou, Alan. Todos estão com medo de se comprometer.

– Não tem importância.

– Hum! Hum!

– O que há, Maotai?

– Nós...

Pela primeira vez, Alan não entendera a linguagem do amigo, tão embebido estava nos olhos azuis de Annie Wayne.

Maotai indicou-lhe os três cavaleiros, que chegavam ao vale pela encosta da montanha.

– Volte para casa, Annie. Não quero que se arrisque mais.

– Por favor, tenha cuidado, Alan! Esses homens são umas feras.

– Não se preocupe. Tudo há de correr bem.

Annie obedeceu. Montou a cavalo e esporeou o animal, empreendendo o caminho de volta. Mas, de vez em quando, olhava para trás, temerosa de não mais rever, com vida, aquele homem alto e louro, que, além de revolucionar a cidade de Birlins, também a atraía.

De súbito, estremeceu. Três detonações seguidas ecoaram no vale. Três sons que eram outras tantas sentenças mortais.

CAPÍTULO 8

Cinco cavalos detiveram-se diante da barraca de frutas e legumes de Karl Peck.

O negociante quase caiu para trás ao ver os três cadáveres atravessados sobre as selas de suas montarias.

— Pode me informar onde se fazem os enterros, neste cidade? - perguntou-lhe Alan, com ar ingênuo.

Por mais que se esforçasse, Peck não conseguia fechar a boca, aberta pelo espanto. Por artes do diabo, seus dois empregados tinham se evaporado, e ali estava ele, indefeso, diante dos endiabrados matadores de mais três homens do bando de Charlie King.

O caçador louro divertia-se com o pavor do comerciante. Apontando para os corpos, fez nova pergunta, com o mesmo acento zombeteiro:

— Conhece estes homens, Senhor Peck? Ouvi dizer que se chamavam Jeff, Lesley e Carson.

— Não, senhor, não conheço.

— Engraçado! Todos, na cidade, conhecem os companheiros de Charlie King. Menos o senhor.

— É que eu... sou um homem muito ocupado.

— Compreendo, Senhor Peck. Estava pensando... O senhor, que lida com frutas, há de gostar de saber

que esses aí, caíram como frutas maduras. Foi só Maotai apertar o gatilho do rifle.

– Então, foram... foram assassinados?

– Ora vamos, Senhor Peck! Está empregando a palavra errada. Bandidos dessa espécie nunca são assassinados. São executados. Há muita diferença, não acha, Senhor Peck?

– Eu... não sei. Queira desculpar. Estou com o serviço atrasado.

– Imagino, Senhor Peck. Depois de perder tanto tempo numa esquina, isto é natural.

– O que... o que quer dizer?

– Nada de mais. Sossegue, Senhor Karl. Vim procurá-lo porque soube que foi quem fez o enterro de seus amigos Alex e Tommy. Então, pensei que fosse a pessoa indicada para me ensinar onde posso enterrar esse "lixo" aqui.

– Não estou gostando do seu tom - murmurou Peck, num esforço vão de demonstrar dignidade. – Parece-me que insinua coisas desagradáveis.

– Tem toda a razão, caro Senhor Peck. Nada me parece mais desagradável do que ser tocado por pessoas a quem não fiz o menor mal.

– Não tenho nada com o ataque que sofreu. Se alguém me acusou, é mentira. Essa gente gosta de fazer intrigas. E tem inveja, porque consegui juntar um dinheirinho.

– Dinheiro ganho honestamente, Senhor Peck, ou saído de bolsos manchados de sangue?

– Ora! Toda a gente negocia com os homens do bando de Charlie. Com que direito quer me recriminar?

– Não estou recriminando ninguém, Senhor Karl. Pode me informar onde fica o cemitério?

– É ali, adiante do...

– Hum!

– Pode deixar, Senhor Peck. Meu amigo me deu uma idéia melhor.

O caçador louro e o Índio fustigaram os cavalos dos bandoleiros, que partiram a trote largo, levados pelo hábito.

Já iam longe, rumo às montanhas, quando Alan despediu-se do negociante, dizendo em tom amável:

– Maotai lembrou bem. É melhor que o próprio Charlie King enterre os seus companheiros. Desse modo irá compreendendo que as coisas mudaram, aqui em Birlins. Passe bem, Senhor Karl!

* * *

Alan acabara de desmontar, em frente ao Glory Saloon, quando Maotai emitiu o seu habitual: "Hum"!

– Já vi - respondeu Alan. - Parecem pessoas respeitáveis. Pelo menos, estão bem enfarpeladas.

Três homens de certa idade, metidos em sobrecasacas, dirigiram-se, a passo apressado, para a porta do saloon, onde conseguiram alcançar o caçador e o índio.

O mais gorducho dos três disse, meio ofegante:

– Precisamos falar consigo, Senhor Acey.

– Pois não! Estava entrando para tomar um refresco. Querem me dar o prazer da companhia?

– O convite é nosso, Senhor Acey. Temos algo muito importante a dizer-lhe, em nome dos contribuintes de Birlins.

– Ora vejam! Em Birlins se pagam impostos?... A quem, se não sou indiscreto em perguntar? À Municipalidade, ou a Charlie King?

– Estou vendo que gosta de gracejar, Senhor Acey.

– Será piada, referir-me ao fato, conhecido por todos, de que Birlins tem um rei, do qual os senhores são vassalos obedientes e respeitosos?

Os cinco homens tinham entrado no salão. A bela Lili acorreu, solícita, deixando os outros fregueses à espera. O caçador gratificou-a com um sorriso amistoso.

– O de sempre, para nós dois, Lili.

– Limonada? - indagou ela, pelo prazer de causar surpresa aos homens de sobrecasaca.

Alan deu uma risada, ao notar o espanto de seus visitantes, e disse:

– Esta moça bonita tem a mania de querer nos impingir o seu detestável uísque.

– Não costuma beber?

– Maotai e eu detestamos essa bebida, e só costumamos beber, comer, ou fazer, aquilo que nos agrada.

– É um homem de sorte, Senhor Acey. Nem todos podem gabar-se do mesmo.

– Uma simples questão de vontade.

– Nem sempre - replicou o homem gordo. -Nós, por exemplo, não levamos essa vida, por vontade nossa.

– Refere-se ao domínio de Charlie King?

– E a tudo mais que se passa em nossa cidade... Senhor Acey, prefiro lhe falar sem rodeios. Francamente. Por que insiste em permanecer aqui?

– Não acabei de lhe dizer que Maotai e eu só obedecemos à nossa vontade?

– Sua vontade é arriscar-se a levar uma bala na cabeça?

– Os que já fizeram tal tentativa, levaram a pior. Espero que o mesmo aconteça aos próximos.

– Nesse caso... Senhor Acey, quanto quer para desaparecer da cidade, com o seu amigo índio?

A resposta veio, seca como uma detonação:

– Nada!

– Nada?!

– Só iremos embora, quando tivermos vontade de ir.

– Não podemos entender o seu interesse em ficar aqui.

– E qual é o seu interesse em nos ver pelas costas?

– Zelamos pelo bem-estar dos nossos concidadãos.

– Uma resposta muito bonita, mas que não traduz a verdade, senhor.

– Pode acreditar que é a verdade.

– Não acredito. Estão é com medo de perder o dinheiro graúdo que o bando de Charlie esparrama pela cidade.

– Não é isso, Senhor Acey. Nós...

– Cale-se, e deixe-me falar. Pensa, por acaso, que sou cego, idiota, ou o quê? Que espécie de homens são vocês? Homens sem honra nem amor-próprio. Não sei como ainda têm coragem de encarar suas esposas e de beijar suas filhas.

– Está fazendo juízos temerários, Senhor Acey.

– Qual! E ouçam o que ainda tenho para dizer. Vocês são todos uns gananciosos, que se comprazem em enriquecer, a qualquer preço. Nunca imaginaram que, um dia, Charlie King pode lhes tirar tudo isso que ganharam desonestamente? Ou acreditam que ele sempre respeitará o trato que fez com vocês?

– Nesse ponto, Charlie tem sido muito correto.

– Digamos que seja sempre. E vocês? Achem correto levar uma vida de humilhações e vergonhas, sem terem o direito nem de livrar suas esposas e filhas das garras destes miseráveis? Será que estão tão aviltados que só pensam em encher os cofres e as barrigas?!

– Senhor Acey está sendo severo demais. Não é assim como pensa.

– Estou lhes dizendo a verdade nua e crua.

– Hum!

A exclamação do índio fez com que os três homens se levantassem, rubros de indignação. Mais indignados ficaram ao ouvir Lili Carwey, que chegava com as bebidas encomendadas, aplaudir alegremente:

– Bravo, Alan! Você os arrasou com a sua eloquência.

– Não brinque, Lili. Não queria ofendê-los, mas tive de dizer o que sentia.

À bela ruiva sentou-se ao lado de Alan, apoiando os cotovelos sobre a mesa.

– Vou fazer o mesmo, caçador. Sabe que qualquer mulher corre o risco de se apaixonar por você?

Já refeito de sua emoção, Alan perguntou, sorrindo:

– Você também, beleza?

– Sou esperta demais, caçador. Não vou cometer a loucura de me apaixonar por um homem que já cheira a defunto fresco.

– Acredita mesmo que Charlie King cumpra suas ameaças?

– Claro que acredito! Charlie nunca foi desfeitoado sem mandar o ofensor para o outro mundo.

– Pois, em minha opinião, ele é quem vai acabar sendo enforcado.

– E de que lhe adiantará isso, caçador? O enforcamento de Charlie não terá o poder de ressuscitar você, nem os outros que ele já matou.

– Não pretendo morrer tão cedo, Lili, mas, se isso acontecer, pelo menos terei morrido, lutando pela justiça.

– Mas, por que fica, sabendo que pode morrer, Alan? Confesso que não entendo.

– Uma questão de dignidade, de orgulho, se quiser. Não posso fugir, como um cachorro acochado a pedradas.

Lili Carwey não desviava os olhos, do rosto expressivo de Alan. Uma emoção desconhecida embargou-lhe a voz:

– Nunca vi um homem igual a você, Alan.

– Todos os homens são mais ou menos iguais, beleza. Mas acontece que muitos não têm oportunidade de demonstrar suas boas qualidades.

Terminado o refresco, Maotai e Alan Acey levantaram-se. O primeiro adiantou-se, agarrado ao seu inseparável rifle. O segundo retardou-se um pouco. Debruçado sobre a mesa, passava a mão pela face de Lili, numa carícia leve.

– Você é uma mulher estupenda, Lili. Espero que continuemos amigos, mesmo depois que seu negócio não lhe der tantos lucros. Não vai ficar zangada comigo, vai?

– Isso quer dizer que está resolvido a combater Charlie?

– Claro. Por mim e por Maotai.

– Mas, por quê? Por quê? Não compreendo.

– Por muitos motivos, beleza. Entre eles... uma mulher.

Lili Carwey sentiu algo que há muitos anos não lhe acontecia. Enrubesceu até a raiz dos cabelos... como se fosse uma colegial ingênua.

CAPÍTULO 9

Há ocasiões na vida de um homem, em que ele é obrigado a fazer aquilo que menos deseja.

Charlie, o "rei", enfrentava tal situação. Não podia deixar sem resposta o desafio que lhe fora lançado. Os cadáveres de Jeff, Lesley e Carson, clamavam por vingança.

Charlie King não podia suportar tamanho "insulto".

Andy pensava da mesma forma, e nem esperou pelas ordens do chefe.

— Todos a cavalo! - gritou. - Vamos riscar Birlins do mapa.

Vinte e seis cavaleiros esporearam seus animais, sem dó nem piedade. Todos estavam excitadíssimos com a longa expectativa. Incendiar uma cidade implicava em lutas e perigo, mas também significava saque, violação, extermínio. Tais esperanças empolgavam os homens de Charlie King, pigmeus que se julgavam gigantes.

Saquear, matar, violar, incendiar, eram simples incidentes em suas vidas de homens fora da lei. Iam perder o paraíso, que Birlins representava para todos

eles, porém, só antegozavam os prazeres voluptuosos que os aguardavam. Avante, pois!

Como um bando de centauros chegaram ao limiar da cidade, impelidos pela cobiça, pelo desejo de vingança, e mais ainda, pelas promessas de uma orgia desenfreada.

Os apavorados habitantes de Birlins correram a esconder-se nos recantos mais sombrios de suas casas. As crianças e as mulheres, choravam. Os homens praguejavam, amaldiçoando o nome de um homem, que se lhes tornara mais odioso que o do próprio Charlie King.

Alan Acey. Ele e o seu amigo índio eram os únicos responsáveis por aquela situação calamitosa. A vida continuaria a decorrer placidamente, não fosse a chegada daquele demônio louro e seu amigo bronzeado, que teimavam em impor suas presenças, quando não eram absolutamente desejadas. E agora?

— Vão destruir tudo! Nenhum de nós escapará com vida - era o lamento geral.

Charlie King e seu bando regozijavam-se com o pavor que infundiam. Conscientes de sua força, de seu poder, dirigiram-se ao Glory Saloon, levantando nuvens de poeira, que, breve se transformariam em nuvens de fumaça asfixiante.

O galopar dos cavalos, os gritos de terror, as imprecações dos bandidos, explodiram nas ruazinhas tranqüilas.

Charlie King, o chefe supremo daquela horda de vândalos, foi o primeiro a invadir o saloon, como um furacão descontrolado. Ao deparar com Lili, gritou, furioso, como que a responsabilizá-la por aquela situação:

– Por que não expulsaram aqueles sujeitos? Por que não obedeceram às minhas ordens?

Ao contrário do que esperara, Lili Carwey não sentiu o menor receio. Sua voz soou fria e calma, ao responder:

– Porque eles não quiseram.

Charlie sacudiu-a rudemente, transtornado pela fúria.

– Vá dizer a essa gente, que quero todo o mundo reunido na praça. Todos, ouviu bem? Antes de queimar essa aldeia, quero que todos me vejam esquartejar esse maldito caçador.

– Solte-me, Charlie! Está me machucando.

Lili conseguiu desprender o braço, e saiu correndo para a rua, enquanto alguns homens do bando já se ocupavam em quebrar cadeiras, e dar tiros nas garrafas e copos.

Charlie chamou três deles, e ordenou:

– Blay, Ilan, Castelli! Vão procurar aquele sujeito. Tragam-no de qualquer maneira.

– Vivo ou morto, chefe?

– Vivo! Eu mesmo quero ter o prazer de matá-lo.

A caçada humana começara.

* * *

No quarto de hotel, Alan e Maotai esperavam os acontecimentos.

Não tinham trocado uma só palavra. Ambos sabiam o que lhes cabia fazer. Os rifles estavam preparados. Sobre uma cadeira, viam-se várias caixas de munição, já abertas.

De revólver em punho, os dois observavam a rua, através dos postigos da janela.

Até eles chegavam os rumores de tiros e gritos, não só das vítimas, como dos atacantes. Por isso, não ouviram logo as batidas repetidas na porta do quarto, e a voz angustiada de Lili Carwey, que implorava:

— Abra a porta, Alan! Pelo amor de Deus! Sou eu, Lili! Abra depressa, Alan!

O ouvido mais apurado do índio foi que captou finalmente, aqueles sons. E, fiel ao seu hábito de não desperdiçar palavras, disse apenas o costumeiro:

— Hum!

Alan foi abrir a porta, enquanto Maotai continuava no seu posto de vigilância.

Lili Carwey atirou-se nos braços do caçador, chorando como uma louca.

— Você tem que fugir, Alan! Ainda está em tempo. Vamos sair pelos fundos do hotel. Conheço um caminho que os levará para fora da cidade, sem que ninguém veja.

– E deixar que esta pobre gente continue a viver esmagados pela vergonha e pelo terror? Não, Lili!

– O que importam os outros, querido? Assim que puder, irei me encontrar com você, e seremos...

Lili interrompeu-se, vendo que Alan procurava desprender-se dos seus braços. Frente a frente, homem e mulher fitaram-se intensamente. E a expressão do olhar dele fez com que ela murmurasse, temerosa:

– Não gosta de mim, Alan?

– Muito, Lili, mas não da maneira que imaginou.

– Não disse que ia ficar aqui por causa de uma mulher?

– Realmente!

Alan sentiu-se comovido com o espanto doloroso de Lili. Seus olhos estavam marejados de lágrimas, e sua voz tremia, ao perguntar baixinho:

– Então... Gosta de outra? De outra mulher que mora aqui, em Birlins... Quem é ela, Alan?

– Annie Wayne, Lili.

O gênio violento da bela ruiva sobrepôs-se ao sofrimento do desengano amoroso. Afastou-se bruscamente de Alan, e encarou-o com rancor, exclamando:

– Como fui idiota! Como fui estúpida!

– Lili... Não é culpa minha ter-me apaixonado por Annie. Nunca lhe dei a entender que amava você. Sou seu amigo, e...

– Hum!

A advertência alarmante contida naquela única sílaba, fez com que o caçador louro interrompesse as explicações que intentava dar para consolar Lili. Aproximou-se, cautelosamente, da janela, e avistou três homens, de pé, diante do hotel, em atitude desafiadora. Voltou-se para o fundo do quarto, e intimou:

– Vá embora depressa, Lili! A luta já vai começar.

A voz potente de um dos bandidos foi ouvida pelos três.

– Desçam, valentões! Estamos à espera de vocês!

A esta frase, seguiu-se uma gargalhada retumbante. Outra seguiu-se, entre acessos de riso dos bandoleiros.

– Venha, caçador! Estamos à sua espera... Para lhe encher a barriga de chumbo.

Nem Alan, nem Maotai, eram homens de perder tempo com conversas inúteis. Por isso, engatilharam os revólveres e dispararam, quase que ao mesmo tempo.

Blay e Castelli rolaram pelo chão poeirento, comprimindo com as mãos, o estômago varado de balas. O terceiro bandido, Ilan, ainda estupefato com a resistência que não esperava, atirou-se ao solo, e começou a rolar sobre si mesmo, na esperança de escapar à fúria das balas. Conseguiu chegar até junto de uns barris, onde tencionava abrigar-se, mas, de repente, encolheu-se todo, soltando um grito de dor. Uma das balas do inimigo, o ferira mortalmente.

No interior do Glory Saloon, chegou o barulho do tiroteio. Levantando uma garrafa, Charlie King gritou, entusiasmado, para os poucos clientes da casa, que ali surpreendera:

– Ouçam, idiotas! Já estamos celebrando os funerais do seu herói.

Mal terminara a frase, um dos seus homens, que estava de vigia, em frente ao saloon, entrou correndo, nervoso:

– Chefe, eles pegaram os três.

– O quê?

– Foi assim, chefe. Blay e Castelli foram baleados, logo de saída. E Ilan...

Lançada violentamente, a garrafa que Charlie King tinha na mão foi espatifar-se no assoalho. E, derrubando mesas e cadeiras, à sua passagem, ele precipitou-se para a porta do saloon. Estacou, porém, petrificado, quando outro dos seus homens participou-lhe:

– Lili está lá, com eles.

– Víbora! Traidora! É assim que me paga tudo o que fiz por ela!... Ei, vocês! Tratem de arranjar as tochas. Vamos começar a fogueira, pelo hotel.

– Lili Carwey está lá, chefe.

– Que me importa? Ela que morra ao lado desse sujeitinho. Não foi isso mesmo o que procurou?

Andy tomou a direção dos trabalhos. Gostava de gabar-se de suas idéias geniais, e julgava-se um

especialista na organização de incêndios e assaltos. Destacou dez homens, encarregando-os de atirar sem descanso contra a janela do hotel, atrás da qual, os sitiados se defendiam corajosamente.

Iniciava-se, assim, uma nova fase do combate desigual.

* * *

Estendida de bruços, no chão do quarto, a fim de fugir à fúria do tiroteio, Lili Carwey conseguira superar a frustração do seu desengano amoroso. Com voz mansa, dirigiu-se ao homem a quem amava:

— Eles são muitos, e vocês, só dois. Desista, Alan! Não conseguirão escapar com vida. Fuja enquanto é tempo.

Enquanto remuniciava os revólveres, e Maotai disparava os seus, o caçador louro fitou Lili com olhos límpidos, e replicou calmamente:

— Fugir como um covarde não é digno de um homem de bem, Lili! Você é quem deve sair daqui. E depressa! Isto está se tornando um inferno.

Alan não se enganava. As chamas começavam a devorar o prédio do hotel. Línguas de fogo o envolviam, e a fumaça tornava-se sufocante.

Andy dirigira a operação-incêndio, com bastante habilidade. Alguns dos homens tinham posto fogo nos fundos do prédio que, sendo de madeira, como aliás, a maioria das casas de Birlins, tornava-se presa fácil das chamas.

Lili Carwey foi se arrastando pelo chão, até chegar perto de Alan, e suas mãos acariciaram uma das botas do caçador. No intervalo entre dois tiros, murmurou surdamente:

– Todo o seu esforço é inútil, Alan.

– Engana-se, Lili. Não há esforços inúteis quando têm uma finalidade. Tenho certeza de que não estou lutando em vão.

– Qual é a finalidade desta luta?

– Dar uma lição ao povo de Birlins. Espero que todos aprendam que o medo não pode destruir a vida de uma cidade inteira. Que a dignidade humana está acima dos interesses mesquinhos. É isto, Lili. Pode me compreender?

– Não, Alan. Não posso.

– Quero fazer uma demonstração, ao vivo, de que, neste mundo, há homens que lutam, que não se rebaixam e não renunciam à sua dignidade de seres livres. Preferem morrer, justamente por darem muito valor à vida, e desejarem a felicidade dos seus semelhantes.

– Hum!

Imediatamente, Alan desviou os olhos de Lili Carwey, e voltou-os para Maotai.

Seus ouvidos, habituados a interpretar corretamente as exclamações do seu fiel amigo índio, captaram aquele som de forma nunca pronunciada e ouvida.

Trágica. Inconfundível, única. A derradeira exclamação de Maotai.

O valente índio caíra de bruços, com a fronte atravessada por três balaços, que formaram um triângulo sangrento.

— Maotai! - exclamou o caçador branco, precipitando-se sobre o amigo caído. - Por favor, não me abandone! Não se vá, Maotai, não se vá!... Oh! Meu Deus!

A saraivada de tiros continuava subindo da rua. As balas entravam zunindo, e iam encravar-se nas paredes de madeira.

Deitada no chão, Lili Carwey contemplava os dois amigos. Seus olhos encheram-se de lágrimas, presenciando o desespero comovedor do homem branco, abraçado ao corpo bronzeado do seu amigo morto.

Subitamente, sem saber como, nem por que espécie de milagre, compreendeu o sentido do que Alan lhe dissera, pouco antes. E começou a acreditar que, no mundo, além do ambiente mesquinho que conhecia, deviam viver mais homens parecidos com aqueles dois.

CAPÍTULO 10

O prédio onde funcionara o hotel transformara-se num braseiro, e estava prestes a desmoronar.

Com passos de autômato, Alan Acey desceu a escada, ofegante. Nos braços, carregava o corpo hercúleo do seu amigo morto.

Atrás dele vinha Lili Carwey, engasgando-se e tossindo, com a fumaça que lhe penetrava na garganta. Cobrira a cabeça com um cobertor que arrancara de uma das camas, no intento de preservar das chamas, a exuberante cabeleira ruiva.

O madeirame do prédio estalava e queimava.

Lili não parecia preocupada com a possibilidade de escapar à morte pelo fogo, para morrer na rua, ferida por uma bala. Naquele momento, um único sentimento a empolgava. A necessidade imperiosa, quase inexplicável, de permanecer ao lado daquele homem, que aparecera em Birlins para desvendar aos seus olhos um mundo desconhecido.

Um mundo diferente, belo, habitado por criaturas livres e felizes, que não se deixavam abater pelo medo de morrer. Homens e mulheres que viviam de cabeça erguida, olhos límpidos, e corações amantes. Que sabiam dignificar a vida e o amor.

Nenhuma bala perdida veio interromper o curso de sua exaltação interior. Nenhuma bala fez tombar o homem que caminhava levando o seu fardo fúnebre.

Ao ver o caçador louro aparecer na porta do hotel, Andy ordenara com voz imperiosa:

– Suspendam o fogo!

E, voltando-se para o lado, onde Charlie King tinha se entrincheirado, anunciou, jubiloso, certo de agradar ao seu chefe:

– Aí está ele, Charlie! Como você queria. Vivo!

O ódio turvou a visão de Charlie King. Aquele homem, que caminhava penosamente, sob o peso de um corpo gigantesco, já o humilhara em outra ocasião. E agora, embora derrotado, à sua mercê, infligia-lhe a mais terrível das humilhações .

E diante de toda a população de Birlins.

Ou não seria a pior das vergonhas, para um homem, ver a mulher que lhe pertencia, de quem se julgava dono incontestável, caminhar como uma escrava submissa, atrás do homem vencido?

Enlouquecido pelo ódio, pelo orgulho ferido, o desejo selvagem, incontrolável, de vencer, aviltar o detestado rival, instalou-se em sua mente. Precisava derrotá-lo, abatê-lo, cara a cara, de homem para homem. Mas, a covardia, própria de todos os tiranos, fez com que, depois de ter concebido seu plano, chamasse Andy, e lhe segredasse:

– Vigie bem este sujeito, Andy, e, se perceber que ele está levando vantagem sobre mim, não espere uma ordem. Vá logo passando fogo nele!

– O que vai fazer, Charlie?

– Você vai ver. Todos vão ver.

Charlie King saiu do seu abrigo e pôs-se a caminhar ao encontro do inimigo. Não se ouvia um som, na rua apinhada de gente. Somente o crepitar das chamas que consumiam o hotel.

A voz de Charlie King elevou-se, tonitruante:

– Largue essa carcaça, Alan Acey! Se é homem de coragem, venha lutar comigo. Desafio você para um duelo de morte, diante de todo o povo de Birlins.

O homem acabrunhado pela dor, como que despertou de um sonho. Parou e, após curta hesitação, depositou cuidadosamente, sobre o solo, o cadáver do amigo. Depois, ergueu-se esticando o corpo, e encarou o desafiante, com um olhar fixo. Parecia não acreditar naquele desafio, que lhe permitiria satisfazer seus mais secretos anseios. Matar Charlie King, o bandido desalmado, vingando assim, a morte de Maotai, e libertando a cidade de um jugo infame.

Era um cenário estranho e trágico para um combate singular. Fogo e fumaça, como fundo. O amigo querido, morto, aos seus pés,. E, ao seu lado, uma linda mulher de olhos verdes e cabelos ruivos, que soluçava.

– Afaste-se, Lili - murmurou com doçura. - Você não precisa morrer.

– Não! Não vê que esse bandido tenciona assassiná-lo, Alan? Como pode acreditar que vá ser um combate decente? Charlie é um miserável. Não adianta lutar, Alan!

Fulo de raiva com os gritos da mulher, Charlie King ordenou imperiosamente;

– Saia da frente, Lili! Quero que veja o que vou fazer com o seu querido. Depois, chegará a sua vez.

Mas Lili não obedeceu. Agarrou-se ao braço do caçador, e este viu-se obrigado, a empregar a força para libertar-se. Com um empurrão violento, atirou Lili no chão, e gritou:

– Está preparado, Charlie?

– Agora mesmo, Alan Acey.

Os dois contendores movimentaram-se no mesmo instante.

Muitos anos mais tarde, este duelo seria relatado como um dos mais extraordinários de todo o Oeste.

Charlie King sacou primeiro, mas não teve tempo de disparar. Uma bala incrustou-se em sua frente, sem que Alan tivesse arrancado o revólver do cinturão.

Simplemente, deixara-se cair atrás do corpo de Maotai, e acionara o gatilho da arma, ainda dentro do coldre.

Ia levantar-se, triunfante, quando vários tiros ressoaram. Então, sentiu, na própria carne, a penetração dolorosa das balas.

Teve suficiente presença de espírito para disparar mais duas vezes, e ainda pôde enxergar dois bandoleiros caírem.

Depois disso, uma nuvem escura toldou-lhe a visão e pareceu-lhe mergulhar num poço tenebroso.

Perdeu completamente a consciência das coisas.

* * *

Foi realmente lamentável que o corajoso caçador não pudesse ver mais nada, nem tampouco ouvir o assobio das balas, que, de repente, começaram a chover sobre os bandidos, vindas de todos os lados da rua.

Andy ficou tão espantado, que morreu de boca aberta, incapaz de compreender o que estava acontecendo. Nunca imaginara que formigas se atrevessem a atacar leões. Muitos dos seus companheiros também se deixaram surpreender pela morte, imobilizados pelo assombro.

As velhas escopetas de caça não paravam de cuspir fogo, nas mãos de homens, que, finalmente, sacudiam a abjeção de um domínio infamante, e recuperavam sua condição de seres livres e dignos de viver.

Um homem aparecera para lhes indicar o caminho. Aliás, dois. Um deles, índio, estava morto. O outro, lutava sozinho contra o bando de Charlie. E eles, habitantes da cidade? Seriam menos homens que aqueles dois? Não lhes sobraria nenhum resto de decência, de dignidade, de coragem?

Com tais raciocínios, Eric Wayne conseguira convencer alguns amigos a acompanhá-lo ao campo de batalha, e gritava como um possesso, incentivando-os a lutar.

– Vamos, amigos! Demos cabo desses canalhas! Avante! Liquidemos todos! Libertemos nossa cidade!

Os primeiros resultados positivos a favor dos defensores de Birlins, entusiasmaram os indecisos, e a luta generalizou-se.

As mulheres gritavam das janelas, animando os lutadores, e contendo, por outro lado, os velhos e meninos, que também queriam sair e tomar parte na batalha.

Batalha curta, desesperada, homérica. Batalha que terminou com o extermínio de todo o bando de Charlie King.

Somente no final da luta, é que se cuidou de dominar o fogo, tratar dos feridos, e enterrar os mortos.

Muitos homens tinham pago com a vida a nova era de paz e liberdade que deixavam, como herança, aos seus filhos.

Muito ferido, Alan Acey foi transportado para a casa de Eric Wayne. Durante muitas noites, uma jovem angustiada travou uma batalha, tão dura quanto a outra, para salvar, da morte, o homem a quem amava. Finalmente, saiu vencedora.

Annie Wayne perdera um pouco de sua beleza infantil. Estava magra, abatida, cansada. Mas um toque

de felicidade brilhou em seus olhos azuis, quando, com voz enfraquecida, Alan perguntou-lhe, pela primeira vez:

– O que aconteceu, Annie? Estou me sentindo tão fraco!

– Esteve muito mal, Alan, mas já está quase bom. O Doutor Eli sempre disse que você era forte demais para morrer assim.

– É o mesmo médico que não conseguiu salvar seu irmão?

– Como você, ele teve mais sorte, Alan. Foi um verdadeiro milagre.

– E Maotai?

No mesmo instante em que pronunciou o nome do amigo, Alan recordou-se do que acontecera, e ficou silencioso. A voz suave de Annie arrancou-o às suas lembranças dolorosas.

– Seu amigo está numa sepultura muito bonita. Sei que nada disto pode consolar você, mas creio que gostaria de ter visto o enterro de Maotai. A cidade toda compareceu.

– Era meu amigo, Annie. Meu grande, meu único amigo.

– Morreu por nossa causa. Como você também queria morrer.

– Maotai e eu éramos como irmãos, Annie. Nossa amizade começou, há muitos anos, quando o salvei de morrer enforcado. Foi no Canadá. Uns garimpeiros

imaginaram que havia ouro escondido, em sua aldeia, e prenderam Maotai. Torturaram-no. Arrancaram-lhe a língua. E iam enforcá-lo, quando eu apareci para salvá-lo. Depois disto, nunca mais ele me deixou.

– Então, Maotai não podia falar?

– Não, Annie. Só podia emitir aquela única sílaba. Mas eu sempre sabia o que ele queria dizer.

Aos poucos, para não cansar o convalescente, Annie Wayne contou-lhe tudo o que acontecera, desde o momento em que Charlie King caíra, até o final da luta sustentada pelo povo de Birlins.

– Era como se todos aqueles homens tivessem, dentro de si, uma força desconhecida. Meu pai iniciou a batalha, mas os outros o acompanharam como uma coragem nunca vista.

– Pena que eu não tenha visto, Annie!

– Foi tudo obra sua, Alan. Sua e de Maotai.

– É que esses homens só precisavam de um incentivo para despertar.

Uma pequena pausa, e o rapaz perguntou, observando a reação de Annie.

– O que aconteceu a Lili?

– Morreu, Alan. Uma das balas destinadas a você, atravessou-lhe o coração.

– Pobrezinha!

– Ela gostava muito de você, Alan.

– Creio que sim, Annie. A seu modo.

– Quem também morreu foi o Comissário Wolff.

— Resolveu-se a tomar partido - murmurou o caçador.

— Lutou como um leão, Alan.

— Ele me entregou sua insígnia, Annie. Deve estar num dos meus bolsos.

— Já a encontrei. Sabe? O povo votou, unanimemente, em seu nome, para nosso novo comissário.

— Que tolice, Annie! Não entendo nada de leis.

— Mas todos dizem que o único com direito ao cargo é você.

— Nesse caso... O que acha de se casar com um comissário?

Annie enrubesceu, mas respondeu, decidida:

— Acho formidável, Alan. Caçador, comissário, ou qualquer outra coisa, o que mais desejo é me casar com você, porque o amo.

* * *

Dias depois, Alan Acey já podia andar um pouco, e dirigiu-se ao cemitério de Birlins.

Fez questão de ir sozinho, visitar pela primeira vez, o túmulo do seu inesquecível amigo Maotai. Levava-lhe flores, e uma placa de bronze, onde mandara gravar a seguinte inscrição, que idealizara em seu leito de ferido, como uma lição às gerações futuras:

Aqui jaz um homem que pensava: "Mesmo na miséria ou na anarquia, um povo tem direito à vida e à

esperança. Mas um povo sem ideal não vale nada e não tem direito a nada."

Alan completou sua peregrinação, indo ao escritório do comissariado. Precisava cumprir um dever sagrado. Gravar o nome do Comissário Chuck Wolff na longa lista dos xerifes e comissários sacrificados pela quadrilha de Charlie King.

Ao terminar sua tarefa, lembrando-se do que lhe dissera, naquele mesmo lugar, descobriu-se, murmurando, comovido:

– Desculpe, amigo. Eu estava enganado. Seu nome é digno de figurar, com honra, nesta lista de heróis.

Fim